

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

MARIA DE MAGDALA

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE E SEIS)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Outubro 2021

ÍNDICE

BÍBLIA.....	03
PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS.....	05
CELEIRO DE BENÇÃOS.....	08
A MULHER NA DIMENSÃO ESPÍRITA.....	10
ROTEIRO.....	12
O REDENTOR.....	12
O PORQUÊ DA VIDA.....	15
CAMINHO VERDADE E VIDA.....	15
OFERENDA.....	16
VIDA DE JESUS.....	16
DIMENSÕES DA VERDADE.....	18
RESSURREIÇÃO E VIDA.....	18
AGONIA DAS RELIGIÕES.....	18
REVISÃO DO CRISTIANISMO.....	19
NO LIMIAR DO INFINITO.....	20
CONVITES DA VIDA.....	20
ANTOLOGIA MEDIÚNICA DO NATAL.....	20
RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS.....	20
LÁZARO REDIVIVO.....	21
BOA NOVA.....	24
REVISTA ESPÍRITA 1860.....	31
DOENÇAS DA ALMA.....	32
O EVANGELHO DE TOMÉ.....	33
O QUE JESUS DISSE? O QUE JESUS NÃO DISSE?.....	33
JUDAS, TRAIADOR OU TRAÍDO?.....	37
O ESPIRITISMO PERANTE A BÍBLIA.....	37
UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO.....	40
ENCONTROS COM JESUS.....	40
OS MISTÉRIOS DO UNIVERSO.....	58
A GÊNESE.....	59

Bíblia Luc 7 v.36 - 50

Diversos

“Um dos fariseus convidou-o para Jantar com ele. E entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. Havia na cidade uma mulher que era pecadora, e esta, sabendo que ele estava jantando na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume e, pondo-se lhe aos pés, chorando, começou a regá-los com lágrimas, e os enxugava com os cabelos da sua cabeça, e beijava-lhe os pés e ungia-os com perfume. Ao ver isto, o fariseu que o convidara, dizia consigo: se este homem fosse profeta, saberia quem é que o toca e que sorte de mulher é, pois é uma pecadora. Então Jesus disse ao fariseu: Simão, tenho uma coisa para te dizer. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. Certo credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários, e o outro cinquenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou a dívida a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? Respondeu Simão: suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. E virando-se para a mulher, disse a Simão: vês esta mulher? Entrei na tua casa e não me deste água para os pés, mas esta mós regou com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela porém, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não ungieste a minha cabeça com óleo, mas esta com perfume ungiu os meus pés. Por isso te digo: Perdoados lhe são os seus pecados, que são muitos, porque ela muito amou. Mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. E disse à mulher: perdoados são os teus pecados. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer consigo mesmos: Quem é este que até perdoa pecados? Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.”

Mat. 26 v.6 -13

“Ora, estando Jesus em Betânia, na casa de Simão, o leproso, chegou-se a ele uma mulher que trazia um vaso de alabastro com precioso perfume, e lhe derramou sobre a cabeça, quando ele estava à mesa. Vendo isto, os seus discípulos indignaram-se e disseram: Para que este desperdício? Pois o perfume podia ser vendido por muito dinheiro e ser este dado aos pobres. Mas Jesus percebendo isto, disse-lhes: Por que moles tais esta mulher? Pois ela me fez uma boa obra. Porquanto os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes; por que derramando ela este perfume sobre o meu corpo, fê-lo para a minha sepultura. Em verdade vos digo que onde quer que for pregado em todo o mundo este Evangelho, será também contado para memória sua, o que ela fez.”

Mat. 27 v. 55 – 56

E estavam ali, olhando de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia, para o servir; entre as quais estavam Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

Mar. 15 v. 40

E também ali estavam algumas mulheres, olhando de longe, entre as quais também Maria Madalena, e Maria mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé;

Luc. 8 v.1-3

“Logo depois andava Jesus pelas cidades e aldeias, pregando e anunciando as boas novas do Reino de Deus, e iam com ele os doze e algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades; Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios, Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais o serviam com os seus bens.”

Luc. 23 v. 54 - 56

“Era o dia da Preparação e ia começar o sábado. E as mulheres -que tinham vindo da Galileia com ele, seguindo a José, viram o túmulo e como o corpo de Jesus fora posto nele; voltando depois, prepararam aromas e bálsamos.”

João 20 v. 1-10

E no primeiro dia da semana Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro. Correu pois, e foi a Simão Pedro, e ao outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram. Então Pedro saiu com o outro discípulo, e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. E abaixando-se, viu no chão os lençóis; todavia não entrou. Chegou pois Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis. E que o lenço que tinha estado sobre a sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu, a creu. Porque ainda não sabiam a escritura: que era necessário que ressuscitasse dos mortos. Tornaram pois os discípulos para casa.

João 20 v. 11-18

“Maria, porém, estava junto à entrada do túmulo, chorando. E enquanto chorava,

abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos com vestes brancas, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira, outro aos pés. Eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Respondeu ela: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isto, virou-se para trás e viu a Jesus em pé, mas sem saber que era ele. Perguntou-lhe Jesus: Mulher por que choras? A quem procuras? Ela supondo ser o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela virando-se disse-lhe: Mestre! Disse-lhe Jesus: Não me toques; porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes que subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena foi contar aos discípulos: Vi o Senhor, e ele disse-me estas coisas!"

Parábolas e Ensinos de Jesus

Cairbar Schutel

Maria Madalena é a mulher de quem Jesus expeliu sete espíritos maus. Cheia de gratidão pela graça que obtivera, vai à casa de Simão, sabendo que Jesus já estava; sem se preocupar com a dignidade do fariseu, sem temer escândalos nem preconceitos, lança-se aos pés do Divino Mestre e lhe oferece tudo o que tem: perfume, lágrimas, coração e espírito! A extraordinária mulher não abandona mais o seu Salvador: segue-o por toda parte acompanhada daquele préstimo de mulheres quo, como ela, haviam recebido graças e espalhavam sobre os passos do extraordinário Messias o eterno perfume das suas esperanças.

Lição profunda que precisa tornar-se conhecida para proveito de todos.

Não é só pela inteligência que o homem se eleva a Deus, mas também pelo coração, pelo sentimento.

O sentimento é a alma da virtude, é o motor das grandes ações.

É o sentimento que transforma e modela a alma; é ainda o sentimento que exprime todos os afetos puros, todas as gratidões imorredouras.

Tanto na mulher como no homem, o sentimento é a corda vibrátil das grandes emoções.

Platão, impulsionado pela palavra de Sócrates, põe de lado tudo o que é do mundo e com seu Mestre vai cultivar a Beleza e a Bondade, que sintetizam a sabedoria universal .

Madalena, arrebatada pelo amor de Jesus, renuncia aos gozos da Terra e segue os passos do Galileu Humilde, em sua alta missão de regeneração e redenção.

A palavra do Moço da Galileia, repassada de doçura, cheia de mansidão, a arrebatava, e, com ele, inicia sua tarefa de caridade e de amor!

A Doutrina Judaica, cheia de preconceito para com as mulheres, foi esmagada

pelo brado do amor divino, pelo Verbo poderoso de Deus!

Libertador da mulher, o Cristo outorgou-lhe a missão de amar e profetizar; revestiu-a das faculdades preciosas do Espírito para a realização do divino desiderato de unir ambos os mundos, ambas as Humanidades: a Humanidade que se arrasta na Terra, e a Humanidade que flutua nos Céus!

A história de Maria de Magdala é a história da reabilitação da mulher; para o cumprimento de seus deveres cristãos, Jesus não faz seleção de sexo em seus trabalhos missionários. Ao contrário, acerca-se das mulheres, que, mesmo sem que Ele falasse, pressentiam, naquela eminente Figura, o Messias prometido.

A intuição lhes dizia, no fundo da alma, que elas estavam diante do Filho de Deus.

Não era preciso que Jesus lhes demonstrasse sua Individualidade, que fizesse milagres e prodígios para que cressem: elas adivinhavam. E é sem dúvida por esse motivo que o Mestre, na folga de seus trabalhos missionários, tinha prazer em descansar na Aldeia de Betânia, onde, com especialidade, se hospedava em casa de Marta, Maria e Lázaro. Era ali que ele se abria em suas consolações mais doces e que, em amenas palestras, falava da Vida de Além-Túmulo, cujos ensinamentos não ousava ainda confiar a seus discípulos.

Nos tempos primitivos havia um grande desprezo pela mulher.

A mulher era um ser secundário, sem primazia intelectual, entretanto, não podiam deixar de reconhecer na mulher um instrumento suscetível às manifestações psíquicas.

Quer da manifestação dos fenômenos de animismo, quer dos fenômenos propriamente espíritas, o sexo feminino sobrepuja o chamado sexo forte; é mais passível, mais dócil, mais dotado de sensibilidade, e, pois, de mediunidade.

Segundo afirmam diversos observadores, dentre estes Pitrés, um terço das mulheres é dotado de mediunidade, ao passo que no sexo masculino só um quinto de homens possui essa faculdade.

Em 360 pessoas magnetizadas por Bertillon, 265 eram mulheres, 50 homens, e 45 meninos. De um estudo feito em 17.000 indivíduos, a mulher representa percentagem mediúnica de 12 por cento, ao passo que o homem não excede a 7 por cento, quase a metade. Que quer dizer esta estatística, se não que as mulheres são mais suscetíveis às coisas divinas que os homens? Os sacerdotes das antigas religiões, que eram profundos no estudo da alma, compreendiam muito bem o poder da mulher como intermediária entre o mundo visível e o invisível. E tanto isso é verdade que a mulher era escolhida para todos os fins de mediunidade.

O Oráculo de Delfos, tão famoso na História, era dirigido por sacerdotes, por homens, mas o exercício do mediunismo estava afeto às mulheres.

Entre os judeus, segundo refere o Velho Testamento, as mulheres mantinham relações com os Espíritos. Maria, irmã de Moisés, era profetisa, assim como Débora e

Holda. No Endor o Espírito de Samuel é evocado por uma mulher. Vemos em o Novo Testamento que a profecia era exercida por mulheres, de preferência a homens.

O Apóstolo Paulo chega a desligar e a adormecer a mediunidade de uma moça, que disso tirava proventos para seus senhores.

Na Galileia e na Betânia, as mulheres mereciam mais confiança para a profecia do que os homens.

Por fim, os sacerdotes deliberaram destituir a mulher, privando-a das suas funções proféticas. É possível que daí se originasse o vestuário e a raspagem do rosto dos padres.

O grande criminalista, Cesar Lombroso, dedica um capítulo do seu livro *Espiritismo e Hipnotismo* a este fato, em verdade digno de exame.

Por que o padre usa batina? Por que o padre não usa barba e bigode?

Mas não entremos nessas indagações; continuemos com nosso tema, que é a libertação da mulher das peias materiais.

•

Maria, de Betânia, é uma figura saliente no Evangelho; seu amor acendrado por Jesus faz dela a verdadeira mulher espiritual. Muitos escritores sacros exaltam o nome de Maria Madalena, e a própria Igreja chegou a santificá-la. São Modesto, grande prelado, diz que Madalena era a cabeça e diretora das pessoas de seu sexo, que iam após Jesus Cristo. No começo do século VIII, as Igrejas do Oriente e do Ocidente estabeleceram o culto a Madalena. Os religiosos gregos tributavam-lhe culto e a consideravam igual aos Apóstolos.

De fato, a simpática figura, a quem dedicamos uma página do nosso livro, é digna da mais expressiva consideração e do mais acrisolado amor.

Se estudarmos a vida de Maria Madalena, veremos a extrema dedicação que ela votava a Jesus. O amor gentílico foi substituído, naquela criatura, pelo amor divino, e, por toda parte, ela segue, com rara abnegação, o seu Salvador!

Em todos os passos dolorosos da Vida do Redentor, aparece Maria como o símbolo, a personificação da mulher espírita.

Arrastado ao Calvário, Maria acompanha a Jesus: pregado este na cruz infamante, ela não o abandona: ajoelhada, de cabelos em desalinho, participa da agonia!

Jesus expira, lançam seu corpo num sepulcro; ela afasta-se, porque, a isso é constrangida por soldados pretorianos; mas não se contém; enquanto uns fogem atemorizados e outros se escondem e temem, ela, a mulher extraordinária, não pensa em si mesma, não cogita dos males que lhe poderiam advir, mas prepara bálsamos perfumados e volta ao sepulcro para dar o seu testemunho de amor sincero àquele que lhe dera a vida dá alma, deixando ver que, nem mesmo a morte tem poder para extinguir do seu espírito os sinceros afetos que devota a seu Mestre!

E foi então que, caminhando de um lado para outro, no paroxismo de sua dor, Maria é mais uma vez agraciada com a visão do seu Senhor, que, em voz maviosa chama-a pelo seu próprio nome: “Maria!”

Louca de júbilo, precipita-se aos pés de Jesus Espírito, e ele pede-lhe evitar o contato, porque não havia ainda dado conta ao Pai celestial da sua tarefa. Logo após, estando ela com outras santas mulheres, Jesus lhes aparece e dá-lhes a recomendação: “Ide e dizei a meus irmãos que partam para a Galileia, porque será lá que eles me verão.”

E na mesma tarde a mensagem tem o seu cumprimento: “Estando os onze reunidos, com as portas fechadas, viram Jesus entrar. Ele tomou o seu lugar entre eles, falou-lhes com doçura, increpando-os pela sua incredulidade, depois lhes disse: “Ide para Jerusalém, e não vos retireis de lá até que se cumpram os dias em que haveis de receber o Espírito, para depois sairdes por toda parte a pregar o Evangelho.”

Enfim, Madalena é o espelho no qual as mulheres cristãs devem mirar-se para serem felizes não só nesta vida como também na outra.

O Espiritismo, salientando o papel que Madalena desempenhou no Cristianismo, vem concorrer para a libertação da mulher do fardo do mundo e do jugo das religiões sacerdotais. Vem garantir-lhe o direito do estudo, do livre-exame e até do apostolado.

É no trabalho espírita, porque não lhe faltam dons, que a mulher pode progredir com maior facilidade; é pelo estudo e pela instrução que ela se libertará do preconceito e das modas nefastas que a deprimem, tornando-a fator da concupiscência e da sensualidade.

O mundo se transforma; a mulher precisa renovar-se no Espírito do Cristo!

Dotada de sensibilidade e receptividade para as revelações do Além, ela deve tornar-se dócil, estudar, instruir-se, para libertar-se do jugo da Igreja, e, consciente de seus deveres e de seus dons, auxiliar a obra de espiritualização, sob o influxo do Espírito da Verdade, encarregado de realizar, na Terra, o Reino de Deus.

Celeiro de Bençãos

Joanna de Ângelis

Condenação e Sanção (19)

“Nem eu tampouco te condeno. Vai e não peques mais.”

João: 8-11.

Examinando-se com acuidade o incidente evangélico sobre “ a mulher adúltera”, merece consideremos melhor as palavras do Senhor, em relação ao problema em pauta.

Apressadamente, poder-se-ia dizer que Ele sancionou o adultério, pela forma como considerou o drama da infeliz mulher. Entretanto, informando que “tampouco” a condenava, não quis dizer que ela estava indene à necessária reeducação e recuperação do patrimônio moral mal aplicado. Daí o impositivo de ser necessário não mais pecar, de modo a não complicar a responsabilidade que se lhe agravava.

Enquanto laborava em erro, ignorando as consequências, menores eram as suas responsabilidades.

Clarificada, agora, pela misericórdia e pelo ensejo reparador, já não seriam as mesmas as circunstâncias em que se movimentaria.

Somente possuindo a verdadeira autoridade moral pode alguém condenar. Portador, no entanto, da excelente virtude do amor e da excelsa honradez, Ele próprio demonstrou que a não condenava, como a ensinar que não nos cabe, a nenhum de nós. a precipitação condenatória, em razão de ignorarmos os antecedentes da falta, os verdadeiros culpados, e aqueles por ela responsáveis.

Muitas vezes, quando alguém cai, foi empurrado à queda; quando deserta, foi levado à fuga; quando maldiz, foi conduzido ao desespero. O criminoso, enfim, deste ou daquele teor, foi, possivelmente, impulsionado por outrem à consecução da tragédia, num momento infeliz.

Enquanto a desditosa permanecia sob o julgamento apressado do populacho, o Senhor pensava no adúltero, que a ela se unira ou que, talvez, a induzira ao erro. Absolvido, tacitamente, por convivência social, não estava, todavia, sancionado... Outros- sim, considerava o esposo, irregular no cumprimento do dever conjugal, causador, possivelmente, da loucura perpetrada pela companheira atormentada.

Por isso, não a condenou. Compreendendo lhe o drama íntimo, em forma de infortúnio e insegurança emocional, soezes, foi-lhe benigno, sem que, por essa forma, facultasse licitude ao equívoco moral. . .

Diante dos que padecem esta ou aquela ulceração moral, reserva-te compaixão e caridade.

Ao lado dos emaranhados na criminalidade, faculta-te amor e bondade. Instado a opinar desfavoravelmente sobre alguém, penetra-te de prudência e sensatez, aplicando o medicamento da compreensão e da fraternidade.

Os infelizes já expiam na própria desdita os equívocos em que se comprazerem, não te competindo atormentá-los mais, infligir lhes punições mais severas. ..

Em qualquer circunstância da tua vida, lembra-te de Jesus que, podendo condenar e impor reparações, usou da inquestionável força do amor, a fim de ajudar os aturdidos, nunca, porém, do ácido da acusação intempestiva para desorientá-los mais.

Certamente há leis e homens que a sociedade encarregou do mister da Justiça. Ajuda-os sem te imiscuíres em atribuições que te não dizem respeito.

Se convocado inesperadamente à posição de inquisidor ou julgador implacável, pergunta-te: “Que faria Jesus em meu lugar?”, e aplica o balsâmico medicamento da esperança sobre a ferida pútrida do padecente, acenando-lhe com o amanhã de bênçãos que a todos alcançará.

Serão Consolados (35)

Madalena fossilizava na perversão obsidente – conseguiu curar-se.

Incompreensões (52)

Depois de haver conhecido Jesus, quando empenhada, sinceramente, na reforma íntima com a conseqüente fidelidade aos postulados da Boa Nova, Maria de Magdala conheceu penosas dificuldades, por não confiarem os companheiros na sua renovação, nem compreenderem o esforço despendido para a sua reintegração na disciplina salutar do equilíbrio que almejava.

A mulher na dimensão Espírita

Diversos

Era um jardim!... As primeiras horas da manhã banhavam de doce claridade o sepulcro onde deitaram o corpo inerte do Mestre Inesquecível.

Maria de Magdala trazia em suas mãos, perfumes e flores, para a homenagem derradeira de gratidão e carinho! ...

Desde o doloroso drama do Calvário, a pequena comunidade dos discípulos achava-se desarvorada. Quase todos vacilaram nos momentos difíceis do testemunho. Mas, a ex-pecadora mantivera-se fiel ao Divino Senhor, desde a expectativa angustiante junto à cruz, quando a maldade humana lhe impusera o supremo sacrifício e perdurava ali, junto ao sepulcro, quando sua alma sensível de mulher desejava cobrir o Mestre adorado com o pranto de seu amor purificado. “No seu coração estava aquela fé radiosa e pura que o Senhor lhe ensinara e, sobretudo,

aquela dedicação divina, com que pudera renunciar a todas as paixões que a seduziam no mundo. Maria Madalena ia ao túmulo com amor e só o amor pode realizar os milagres supremos.”

Todavia, ali não encontrara o corpo do Senhor. A pedra fora removida... Trespasada de tristeza, Maria soluça baixinho, aconchegando ao peito as flores da oferenda, mescladas de lágrimas e saudade...

Súbito, no clarão da manhã, uma voz suave tange as cordas sensíveis de seu coração: — Mulher, por que choras? a quem procuras?

— Dize-me onde puseste o meu Senhor e eu o levarei, suplicou Madalena, acreditando, naqueles breves segundos, que o jardineiro lhe dirigia a palavra. Em seguida, um som angelical corta o ar:

— Maria!... (Ah! aquela voz repassada de ternura!...) Ela a reconheceria de toda eternidade!...

— Mestre!!! Com lágrimas de felicidade a rolar-lhe dos olhos, quis beijar-lhe as mãos, ajoelhar-se lhe aos pés.

— Não me toques, pois ainda não fui a meu pai que está nos Céus!

Vai a meus irmãos e dize a todos que voltei!...

“Era a promessa de Jesus que se cumpria. A realidade da ressurreição, era a essência divina, que daria eternidade ao Cristianismo”.

Por que teria Jesus escolhido a ex-pecadora de Magdala para uma das mais importantes mensagens de que o mundo tem notícia?

— Onde está o sábio da Terra — pergunta-se Ernesto Renan — que já deu ao mundo tanta alegria quanto a carinhosa Maria de Magdala?

Cairbar Schutel comenta, alicerçado em Paulo de Tarso, que sem a ressurreição não haveria Cristianismo. Jesus voltou do túmulo vazio, para indicar aos homens a realidade fundamental de sua Doutrina, toda ela baseada nas conquistas do espírito e confiou a Maria Madalena “a missão mais sublime na construção evangélica dentro dos corações, no supremo esforço de iluminar o mundo.”

Realmente, foi a partir da Ressurreição que os pescadores simples de Cafarnaum, sulcaram as páginas da História, com a mais sublime epopeia de que se tem notícia: a do testemunho de amor incondicional a Nosso Senhor Jesus Cristo apregoando a Boa Nova, ao coração de todos os povos.

Por que tão significativa missão confiada a uma mulher? Na verdade, quando Jesus libertou Madalena de seus obsessores, despertou em sua alma os anseios superiores que dormitavam em seu coração sensível. Instigavam-na ao erro todos os homens que lhe degradavam o verdadeiro sentido do amor, sentimento puro que ela conservara intacto, na melancólica expectativa de reencontrá-lo em si mesma.

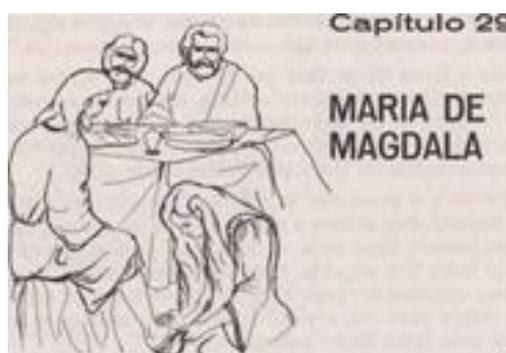
Roteiro

(14 §22)

Madalena, que se engrandece no amor, é a beleza que renasce eterna,....

O Redentor

Edgar Armond



Nessa altura do ágape, verificou-se um tumulto à porta da casa, onde se aglomerara o povo e onde também estavam, juntos, os discípulos, que não tiveram autorização para entrar na sala do banquete; e, logo em seguida, afastando os criados que tentavam detê-la, penetrou no recinto uma mulher jovem e bela, vestida de panos de cores diferentes e olhando em torno, com evidente desprezo para os demais convidados, localizou Jesus, que se achava um tanto afastado dos outros e, reconhecendo-o, atirou-se a seus pés, chorando.

Foi logo por todos identificada como sendo Myriam, natural de Magdala, cidade situada ao sul de Kafarnaum, à beira do Lago, onde possuía uma casa grande e rica. Era naquela ocasião a hetaira mais famosa e influente de toda a Palestina e contavam-se às centenas seus admiradores da classe alta, inclusive filhos dos príncipes dos sacerdotes em Jerusalém.

Vendo ela que os pés de Jesus estavam sujos de pó e detritos dos caminhos, sem terem sido lavados, compreendeu logo o que se passava e, abrindo um frasco de óleo perfumado, que trazia pendurado ao pescoço por fina corrente de ouro (o que era hábito entre as mulheres ricas) derramou o perfume nos pés do rabi e, em seguida, limpou-os com seus bastos e perfumados cabelos arruivados.

Enquanto isso, os convivas, irônicos, sussurravam entre si, dizendo:

— Ele se diz profeta e no entanto não sabe que está sendo homenageado por uma

prostituta...

– Além disso, acrescentava outro, sendo rabi, porventura ignora que tal aproximação profana é vedada pela Lei?

Mas Jesus, virando-se para Simão, que observava a cena em silêncio, propôs-lhe o seguinte caso: “Um homem tinha dois devedores de quantias diferentes e a ambos perdoou. Qual dos dois lhe deveria ser mais grato?

– Naturalmente o que devia maior quantia, respondeu Simão.

– Certamente, conveio Jesus. Agora, então, pondera comigo: tu me convidaste a esta ceia, com o propósito oculto de verificar a minha conduta e as minhas palavras, e convidaste amigos teus para testemunhos do que fosse dito ou feito, comprometendo-me. Mesmo assim aceitei teu convite; vim à tua casa e tu não me mandaste dar água para lavar as mãos e os pés, como é costume e como fizeste com os demais convidados. Com isto, obrigaste-me a partir o pão sem lavar as mãos, como também é de praxe, e nada reclamei. E vem agora está mulher e me lava os pés com suas lágrimas, unge-os com perfume, enxuga-os com seus cabelos. Apesar de sabê-la pecadora, aceitei também a sua homenagem. Ambos são pois devedores e a ambos, como vês perdoei. Qual dos dois, pois, demonstrou maior gratidão?”.

A decepção do rabi fariseu foi tamanha que ficou mudo, o mesmo sucedendo a todos os demais, enquanto Jesus, dirigindo-se à pecadora, disse-lhe: “Levanta-te, filha, teus pecados te são perdoados. Vai em paz”.

E em seguida retirou-se da casa de Simão, indo hospedar-se na casa do publicano Jochanan, amigo de Levy, onde foi acompanhado pela multidão que estava na rua e que, levantando lanternas nas mãos, manifestava sua alegria dizendo: “teu lugar, rabi, não é entre os teus inimigos, mas entre o povo que te ama e de ti espera a salvação e socorro para suas necessidades”.

* * *

Após permanecer ali alguns dias, Jesus voltou para Caná e Nazareth, onde ficou algum tempo e depois novamente para Kafarnaum, continuando suas pregações. Mas seus discípulos eram constrangidos a responder perguntas insistentes feitas por fariseus da cidade, que lhes punham questões nestes termos:

– Não compreendemos o vosso rabi: Ele conhece profundamente a Lei e os profetas; diz que não veio para destruí-las, mas para confirmá-las; no entanto, transgredir a Lei a cada passo, desencaminhando o povo. Que dizeis?

– Ele sabe o que faz, respondiam os discípulos, e obra sempre para o bem de todos. Além disso, é um grande profeta e opera milagres.

– Sim, retrucavam os interrogantes, mas seus atos destroem suas palavras, e quanto aos seus milagres, não os negamos, mas julgamos que são inspirados por Satã.

Outras vezes interrogavam em outros termos:

– Vosso rabi não para; anda por toda parte, pregando e curando e falando no reino que não é deste mundo. Que tem ele em vista? Transgride a Lei e os costumes; prega contra a Thora e os sacerdotes do Templo ... porventura quer levantar o povo?

– Nada disso. Ele prega a purificação, o arrependimento dos pecados e a redenção pelo amor ao próximo, pois somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai Celeste, respondiam os discípulos.

– Porventura então acha que os judeus são irmãos dos samaritanos heréticos e dos pagãos impuros?

E assim tentavam confundir e comprometer também os discípulos, que acabavam por fugir deles, para não comprometerem ainda mais o seu rabi.

Os fariseus, então, espalhavam pela cidade a versão de que Ele era inspirado por Satã e, por isso, é que fazia curas e milagres que os sacerdotes não podiam fazer. E assim, os ânimos de inúmeros moradores foram se acirrando contra Jesus.

Mas Jesus, reunindo seus discípulos, falou-lhes com bondade e narrou-lhes a parábola do reino divino em si mesmo mas, mesmo assim, os discípulos se mostravam atemorizados e a partir daí, Judas, pelo menos, começou a perder a fé no seu rabi.

E aconteceu que, naqueles dias, chegaram à cidade alguns delegados do Sinédrio, para investigarem oficialmente a conduta do rabi galileu e, tomando conhecimento do que se dizia a do quanto ocorria, instalaram logo uma espécie de tribunal investigador e convocaram testemunhas da cidade e das vizinhanças.

A essa reunião compareceu também Simão, o fariseu de Naim, e alguns discípulos de João Batista, moradores na cidade, aos quais interrogaram perguntando:

– Por acaso vosso rabi, já morto, perdoava pecados de alguém?

E os discípulos de João confessavam que não:

– Nosso rabi mandava que se arrependessem, mas não perdoava pecados.

Voltando-se os interrogantes para os mais cultos e prestigiados fariseus e doutores da Lei presentes, perguntavam:

– Sabeis de algum rabi ou sacerdote que, por si mesmos, hajam perdoados pecados?

E os interrogados unanimemente respondiam:

– Jamais conhecemos alguém, rabi, sacerdote, ou intérprete da Lei, que perdoasse pecados.

E, terminada a investigação, os delegados do Sinédrio concluíram que Jesus era, realmente, um transgressor da Lei e dos costumes de Israel, principalmente por não respeitar o sábado, sentar-se à mesa e repartir o pão com pessoas impuras e blasfemar contra Deus, perdoando pecados.

Mas Jesus, considerando as circunstâncias de estarem seus discípulos atemorizados com a situação e também porque sua hora ainda não tinha chegado, abandonou a cidade mais uma vez.

O PORQUÊ DA VIDA

Léon Denis

QUINTA CARTA

Muito veneranda senhora.

Temos nova carta chegada do mundo invisível. Para o futuro, se Deus o permitir, as comunicações serão mais frequentes.

Esta carta contém uma pequeníssima parte daquilo que se pode dizer a um mortal sobre a aparição e visão do Senhor, que se apresenta simultaneamente e sob milhões de formas, a miríades de seres que povoam os mundos, multiplicando-se infinitamente ante suas inumeráveis criaturas, ou individualizando-se oportunamente ante cada uma delas em particular.

A vós, senhora, ao vosso espírito de luz, ele se mostrará um dia, como se apresentou a Maria Madalena no jardim do sepulcro.

De sua boca divina ouvireis chamar por vosso nome: Maria! — Rabi! respondereis imediatamente, penetrada do mesmo sentimento de suprema felicidade, qual o teve Madalena, e então, cheia de admiração, como o apóstolo Tomé, dir-lhe-eis: Meu Senhor e meu Deus!

Apressemo-nos em atravessar a noite das trevas para chegarmos à luz — passemos por esses desertos para entrarmos na terra prometida — suportemos as dores desta existência para aparecermos na verdadeira vida.

Que Deus seja com o vosso espírito.

Zurique, 13 de novembro de 1798.

João Gaspar Laváter

CAMINHO, VERDADE E VIDA

Francisco Cândido Xavier - Emmanuel

Madalena

“Disse-lhe Jesus: Maria! — Ela, voltando-se, disse-lhe: Mestre!”

JOÃO, 20:16.

Dos fatos mais significativos do Evangelho, à primeira vista de Jesus, na ressurreição, é daqueles que convidam à meditação substancial e acurada.

Por que razões profundas deixaria o Divino Mestre tantas figuras mais próximas de sua vida para surgir aos olhos de Madalena, em primeiro lugar?

Somos naturalmente compelidos a indagar por que não teria aparecido, antes, ao coração abnegado e amoroso que lhe servira de Mãe ou aos discípulos amados...

Entretanto, o gesto de Jesus é profundamente simbólico em sua essência divina.

Dentre os vultos da Boa-Nova, ninguém fez tanta violência a si mesmo, para seguir o Salvador, como a inesquecível obsidiada de Magdala. Nem mesmo Paulo de Tarso faria tanto,

mais tarde, porque a consciência do apóstolo dos gentios era apaixonada pela Lei, mas não pelos vícios. Madalena, porém, conhecera o fundo amargo dos hábitos difíceis de serem extirpados, amolecera-se ao contacto de entidades perversas, permanecia «morta» nas sensações que operam a paralisia da alma; entretanto, bastou o encontro com o Cristo para abandonar tudo e seguir-lhe os passos, fiel até ao fim, nos atos de negação de si própria e na firme resolução de tomar a cruz que lhe competia no calvário redentor de sua existência angustiosa.

É compreensível que muitos estudantes investiguem a razão pela qual não apareceu o Mestre, primeiramente, a Pedro ou a João, a sua Mãe ou aos amigos. Todavia, é igualmente razoável reconhecermos que, com o seu gesto inesquecível, Jesus ratificou a lição de que a sua doutrina será para todos os aprendizes e seguidores o código de ouro das vidas transformadas para a glória do bem. E ninguém, como Maria de Magdala, houvera transformado a sua, à luz do Evangelho redentor.

OFERENDA

Divaldo P. Franco – Joanna de Ângelis

Área Perigosa

A mulher adúltera, apresentada a Jesus pelo farisaísmo hipócrita, antes que uma pecadora era vítima em si mesma, que derrapara na insensatez por vários motivos que a infelicitavam. ..

VIDA DE JESUS

Antônio Lima

Ao findar a narrativa da cura do filho da viúva de Naim, Lucas, sem mencionar a localidade, conta que um fariseu convidou Jesus para comer com ele. Já sentado à mesa, *uma mulher* pecadora, que havia na cidade e soubera da visita, lança-se lhe aos pés orvalhando-os com lágrimas e os enxugava com os cabelos, unguindo-os depois com bálsamo. Considerando consigo mesmo sobre como Jesus, sendo profeta, não via ali uma pecadora, este lhe responde ao pensamento por meio de uma parábola, mostrando a generosidade da quitação de uma dívida ao que maior soma devia. Mas, a observação é feita a um tal Simão, e este é o nome de Lázaro, irmão de Maria de Betânia. E o evangelista prossegue com as seguintes palavras dirigidas a Simão, que no caso contado era fariseu: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me deste água para os pés, mas esta, com as suas lágrimas, regou-me os pés e os enxugou com os cabelos. Não me deste ósculo, mas está, desde que entrou, não cessou de me beijar os pés. Pelo que te digo que perdoados lhe são seus muitos pecados porque muito amou.” (Cap. VII, v. 44.)

Havendo Lucas tomado o encargo de escrever por informações a história de Jesus, parece aqui tratar-se de Lázaro, não de um fariseu, e de Maria, irmã daquele, pelo símile da unção do bálsamo, corroborado pela sanção do Mestre ao seu ato, como, quando ao referir-se à mesma virtuosa admiradora, a defendera contra os ciúmes de Judas, dizendo que o procedimento de Maria seria contado enquanto se pregasse o Evangelho, que o seria por todo o mundo, para memória sua e conhecimento da sua ação.

Sobre a amorosa e reconhecida figura de Maria Madalena tem também havido uma clamorosa e deprimente confusão em dá-la como pecadora, mas no sentido pejorativo de adúltera. Por quê? Talvez confundindo-a com essa a que se refere Lucas, acima mencionada, embora o seu nome ficasse no silêncio tumular do anonimato. No entanto, a talvez muito honesta criatura, a caroável Madalena, é prostituída gratuitamente ainda hoje ao se dizer de alguma messalina: “Pobre Madalena arrependida!” Arrependida de quê? Generosa e santa mulher! Como te cospem nas faces o vilipêndio, a ti que nunca deixaste de seguir as pegadas dAquele que te houvera benevolmente expulsado sete demônios, a que se referem Marcos e Lucas (1), sem outro maior pesadume sobre a tua alma sensível, nem mancha negra que te maculasse!

Repugna admitir-se Maria de Magdala como sendo pecadora da carne, desde que a vemos tão singularmente conceituada por Jesus ao ponto de só ela haver sido digna de lhe presenciar o reaparecimento logo após a sua ressurreição. Nem sua própria mãe tivera igual solicitude de o observar e chorar-lhe a morte, como a fiel ancila o fizera, reprimindo os singultos do seu amoroso coração. A sua alma alanceada era bastante alva e imaculada para ter a vidência do Mestre, que a surpreende a soluçar

junto ao sepulcro e que, conforme informa João, lhe pergunta: “Mulher, por que choras? A quem buscas? Vai dizer a meus irmãos que vou para o Pai.” (2)

(1) Marcos, cap. XVI, v. 9; Lucas, cap. VIII, v. 2.

2) João, cap. XX, vv. 15 e 17

DIMENSÕES DA VERDADE

Divaldo P. Franco – Joanna de Ângelis

A SÓS COM OS OUTROS

Aparecendo à pecadora de Magdala, após a Ressurreição, o Mestre premiou o esforço de quem tanto deu à causa da Mensagem Viva da Fé, a ponto de, vencendo-se a si mesma, oferecer-se entre tormentos íntimos de paixões sem nome que sublimou, para renascer dos escombros qual Circe de luz. . . E Maria o mereceu, pois que, esquecida do próprio *eu*, cindiu a casca da autopiedade e da falsa solidão a que muitos a si se impõe, para atirar-se à glória do serviço ao próximo sem fronteira nem limite por amor a Ele.

RESSURREIÇÃO E VIDA

Yvonne A. Pereira

Lea! Lea! Levanta-te! O Mestre de Nazaré era, com efeito, o Messias de Deus, porque ressuscitou da morte, depois de dois dias sepultado... Hoje, de manhãzinha, apareceu e falou a Maria de Magdala. Simão Barjonas, João e alguns outros correram para o seu sepulcro e o encontraram vazio. A cidade está agitada pela estrondosa notícia, que correu, rápida, de um extremo a outro. Todos procuram Simão e Maria para colherem informações... E Anás e Caifás, e herodianos, romanos e fariseus, estão assombrados, não entendendo o que se passa. Vamos até lá também, saber como foi. Dizem que Maria de Magdala foi orar ao sepulcro e viu-o tão bem! e mais belo do que era dantes. Ele chamou-a pelo nome — Maria! — e se falaram... Levanta-te, vamos!

AGONIA DAS RELIGIÕES

J.HERCULANO PIRES

Cap. XII – RITO E PALAVRA

Não devemos extraviar-nos nas ilusões da Terra, para não retardar a nossa evolução para Deus. Entre essas ilusões estão a da santidade fácil, a da hipocrisia que nos leva a considerar-nos melhores que a maioria, a da pretensão de podermos

passar através de ritos e sacramentos ao mundo dos eleitos, a audácia de quereremos ouvir a voz de Deus em particular, enquanto ela soa no mundo para todos ouvirem. O maior pecado é o da fuga à vida, às experiências que nos desafiam. Nascemos para viver a vida e precisamos vivê-la sem apego às coisas do mundo, mas sem rejeição ao mundo, que é obra de Deus. Esse difícil equilíbrio é o objetivo da nossa ginástica existencial. Jesus preferiu Zaqueu e Madalena nos doutores do Templo, não condenou a mulher adúltera nem a enviou aos juízes do Sinédrio, aconselhando-a apenas a afastar-se da vida desregrada. Não adianta buscarmos a Deus em longas meditações, recusando o caminho que ele mesmo nos deu para irmos ao seu encontro: o da vida honesta e cheia de amor e compreensão para todos os nossos companheiros da existência terrena. A Terra é a nave celeste que Deus nos deu para alcançarmos as muitas moradas da Casa do Pai.

REVISÃO DO CRISTIANISMO

J.HERCULANO PIRES

Cap. VII – CRISTO E O MUNDO

O episódio da mulher adúltera que ia ser lapidada nos mostra outro ângulo da posição de Jesus diante do mundo. Jesus não discute com os guardiões pretensiosos da moral social. Não perde tempo em argumentar com aqueles fanáticos palra-dores, viciados em sofismas e jogos de palavras. Permite a lapidação da infeliz, mas com uma condição: "Quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra". Não se dirigiu à mente daqueles homens ligados aos problemas mundanos. Propôs-lhes uma questão de consciência, falou-lhes à consciência e portanto à alma de cada um. E com isso bloqueou o fluxo da loucura coletiva, do sadismo e da brutalidade prestes a explodir. Os braços desceram, as mãos se abriram e as pedras caíram no alvo natural: o chão. Dizem que hoje o efeito seria o contrário, pela inconsciência dominante. Mas naquele tempo a situação consciencial não era melhor. O que hoje falta é quem saiba falar às almas e não aos homens. Então Jesus se dirige à mulher: "Ninguém te condenou, eu também não te condeno. Vai, e não peques mais". Ninguém nos diz o que aconteceu após isso. Mas é evidente que Jesus preparara as condições necessárias, com todo o impacto daquele momento, para falar também à alma emocionada da pobre mulher.

O problema sexual, por sua própria gravidade, fundado nas bases da vida e envolto nas mais profundas aspirações da alma, tornou-se para o homem comum o campo preferido dos seus desabafos contra a pressão social e do livre exercício da sua prepotência. Mata-se na defesa da honra ou por amor com a maior facilidade.

Porque todos justificam esses crimes, pois todos têm a sua culpa no cartório e desejam descarregá-la no próximo. A mulher lapidada seria a vítima das culpas recalçadas dos lapidadores. Jesus fez o contrário: tocou nas culpas de cada um e desarmou-os a todos, porque todos sentiram que eram irmãos e comparsas daquela pecadora que desejavam massacrar ao invés de ajudar. Sua posição nesse caso confirma-se na atenção a Madalena, aceitando a sua unção (que os judeus considerava impura) e integrando-a no seu grupo de auxiliares. E foi ainda mais longe, aparecendo a ela em primeiro lugar após a ressurreição. Como se confirmava espiritualmente o acerto de sua posição terrena em face do problema, para que não restassem dúvidas entre os discípulos.

NO LIMIAR DO INFINITO

Divaldo P. Franco – Joanna de Ângelis

Embora combatida pelo adultério de que se não podia escusar, a dorida mulher recebe de Jesus a misericórdia e não o cumprimento da justiça que a lapidaria consoante o Estatuto que regia o inquieto povo de Israel.

CONVITES DA VIDA

Divaldo P. Franco – Joanna de Ângelis

44 - CONVITE À PUREZA

Maria de Magdala, embora os equívocos sucessivos, após conhecer Jesus passou a cultivar a pureza e tornou-se um símbolo da vitória da razão sobre a paixão.

ANTOLOGIA MEDIÚNICA DO NATAL

Francisco Cândido Xavier – Espíritos Diversos

Meditando o Natal

Vai ao encontro de Madalena, possuída pelos adversários do bem, e converte-se em mensageira de luz.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS

Francisco Cândido Xavier – Emmanuel

Para muita gente, Maria de Magdala era mulher sem qualquer valor, pela condição de obsidiada em que se mostrava na vida pública; no entanto, Ele via Deus naquele coração feminino ralado de sofrimento e converteu-a em mensageira da celeste ressurreição.

LÁZARO REDIVIVO

Francisco Cândido Xavier – Irmão X

Contou-nos um amigo que, logo após a ressurreição do Cristo, houve grande movimentação popular em Jerusalém.

O fato corria de boca em boca. Sacerdotes e patriarcas, negociantes e pastores, sapateiros e tecelões discutiam o acontecimento.

Em algumas sinagogas, fizeram-se ouvir inflamados oradores, denunciando a “invasão Galileia”.

— Imaginem — exclamava um deles da tribuna, diante das tábuas da lei —, imaginem que a mulher mais importante do grupo, a que se encarregou da chamada mensagem de ressurreição, é uma criatura que já foi possuída por sete demônios. Em Magdala, todos a conhecem. Seu nome rasteja no chão. Como aceitar um acontecimento espiritual, através de pessoa desse jaez? Os galileus são velhacos e impostores. Naturalmente cansados da pesca, que lhes rende poucos recursos, atiram-se, em Jerusalém, a uma aventura de imprevisíveis consequências. É indispensável reajustar impressões. Moisés, o maior de todos os profetas, o salvador de nosso povo, morreu no monte Nebo, contemplando a Terra da Promissão sem poder penetrá-la... Por que motivo um filho de carpinteiro, que não foi um doutor da lei, alcançaria semelhante glorificação? Acaso, não foi punido na cruz como vulgar malfeitor? Se os grandes profetas da raça, que se mantêm sepultados em túmulos honrosos, não se fazem ver nos céus, como esperar a divina demonstração de um homem comum, crucificado entre ladrões, na qualidade de embusteiro e mistificador?

A argumentação era sempre ardente e apaixonada.

Na sinagoga em que se congregavam os judeus da Batanéia, outro orador tomava a palavra e criticava, acerbamente:

— Aonde chegaremos com a ilusão do regresso dos mortos? Estamos seguramente informados de que o caso do carpinteiro nazareno não passa dum embuste de mau gosto. Soldados e populares viram os pescadores galileus subtraindo o corpo ao túmulo. depois da meia-noite. Em seguida. Como é de presumir-se, mandaram uma certa mulher sem classificação começar a farsa no jardim.

E, cerrando os punhos, bradava:

— Os criminosos, porém, pagarão! Serão perseguidos e exterminados! Sofrerão o suplício dos traidores, no átrio do Templo! Apenas lamentamos que José de

Arimatea, ilustre homem do Sinédrio, esteja envolvido no desprezível assunto. Infelizmente, o túmulo execrável situa-se em terreno que lhe pertence. Não fora isso, iniciáramos, hoje mesmo, a lapidação de todos os culpados. Lutaremos contra a mentira, puniremos os que insultam nossas tradições veneráveis, honraremos a lei de Israel!

E as opiniões chocavam-se, em toda parte, como fogos acesos.

Os discípulos, para receberem as visitas espirituais do Mestre e anotar-lhe as sugestões, reuniam-se, secretamente, a portas fechadas. Por vezes, escutavam as chufas e zombarias que vinham de fora; de outras, percebiam o apedrejamento do telhado, circunstâncias que os obrigaram a continuadas modificações. Não fixavam o ponto de serviço. Ora se encontravam em casa de parentes de Filipe, ora se agrupavam na choupana de uma velha tia de Zebedeu, o pai de João e Tiago. Num meio tão vasto de intrigas e vaidades sem conta, era necessário esconder a alegria de que se sentiam possuídos, cultivando a verdade ao calor da esperança em épocas melhores.

Simão Pedro e os demais voltaram à Galileia, para “vender o campo e seguir o Mestre”, como diziam na intimidade. Estavam tocados de fervor santo. A ressurreição enchera-lhes a alma de energias sublimes e até então desconhecidas. Que não fariam pelo Mestre ressuscitado? Iriam ao fim do mundo ensinar a Boa-Nova, venceriam trevas e espinhos, pertenceriam a Ele para sempre. Reorganizaram, pois, as atividades materiais e regressaram a Jerusalém, a fim de darem início à nova missão.

Instalados na cidade, graças à generosa acolhida de alguns amigos que ofereceram a Simão Pedro o edifício destinado ao começo da obra, consolidou-se o movimento de evangelização. Os aprendizes, depois do Pentecostes, haviam criado novo ânimo. Suas reuniões íntimas prosseguiram regulares e as assembleias de caráter público efetuavam-se sem impedimento. As fileiras intermináveis de pobres e infelizes, procedentes dos “vales de imundos”, lhes batiam à porta, recebendo carinhosa atenção e esse espírito de serviço aos filhos do desamparo conquistou-lhes, pouco a pouco, valiosos títulos de respeitabilidade, reduzindo-se, de algum modo, o número dos escarnecedores, compelidos então a silenciar, pelo menos até quando as autoridades favorecessem novas perseguições.

Todavia, continuava o problema da ressurreição. Teria voltado o Cristo? Não teria voltado?

Prosseguiram os atritos da opinião pública, quando algumas pessoas respeitáveis lembraram ao Sinédrio que fosse designada uma comissão de três homens versados na lei, para solucionar a questão junto dos discípulos. Efetuariam um interrogatório e exigiriam provas cabais.

Aprazada a ocasião, houve rebuliço geral. Agravaram-se as divergências e surgiram os mais estranhos pareceres. Por isso, no momento determinado, grande

massa popular reunia-se à frente da modesta casa, onde os apóstolos galileus atendiam os sofreadores e ensinavam a nova doutrina.

Os três notáveis varões, todos filiados ao farisaísmo intransigente, penetraram a residência humilde, com extrema petulância.

E Simão Pedro, humilde, simples e digno, veio recebê-los.

Efetuada o preâmbulo das apresentações, começou o inquérito verbal, observado por dois escribas do Templo.

Jacob, filho de Berseba, o chefe do trio, começou a interrogar:

— É verdade que Jesus, o Nazareno, ressuscitou?

— É verdade — confirmou Pedro, em voz firme.

— Quem testemunhou?

— Nós, que o vimos várias vezes, depois da morte.

— Podem provar?

— Sim. Com a nossa dignidade pessoal, na afirmação do que presenciamos.

— Isso não basta — falou rudemente Jacob, sob forte irritação. — Exigimos que o ressuscitado nos apareça.

Pedro sorriu e replicou:

— O inferior não pode determinar ao superior. Somos simples subordinados do Mestre, a serviço de sua infinita bondade.

— Mas, não podem provar o fenômeno da ressurreição?

— A fé, a confiança, a certeza, são predicados intransferíveis da alma — aduziu o apóstolo, com humildade. — Somos trabalhadores terrestres e estamos longe de atingir o convívio dos anjos.

Entreolharam-se os três fariseus, com expressão de ira, e Jacob exclamou, trovejante:

— Que recurso nos sugere, então, miserável pescador?! Como solucionar o problema que provocaram no espírito do povo?

Simão Pedro, dando mostras de grande tolerância evangélica, manteve imperturbável serenidade e respondeu:

— Apenas conheço um recurso: morram os senhores como o Mestre morreu, e vão procurá-lo no outro mundo e ouvir-lhe as explicações. Não sei se possuem bastante dignidade espiritual para merecerem o encontro divino, mas, sem dúvida, é o único meio que posso sugerir.

Calaram-se os notáveis do Sinédrio, sob enorme estupefação.

No silêncio da sala, começaram a ecoar os gemidos dos tuberculosos e loucos mantidos lá dentro. Alguém chamava Pedro, com angústia.

O amoroso pescador fitou sem medo os interlocutores e pediu:

— Deem-me licença. Tenho mais que fazer.

Voltou a comissão sem resultado algum, e a discussão continua há quase vinte séculos...

BOA NOVA

Francisco Cândido Xavier – Humberto de Campos

MARIA DE MAGDALA (20)

Maria de Magdala ouvira as pregações do Evangelho do Reino, não longe da Vila principesca onde vivia entregue a prazeres, em companhia de patrícios romanos, e tomara-se de admiração profunda pelo Messias.

Que novo amor era aquele apregoado aos pescadores singelos por lábios tão divinos? Até ali, caminhara ela sobre as rosas rubras do desejo, embriagando-se com o vinho de condenáveis alegrias. No entanto, seu coração estava sequioso e em desalento. Jovem e formosa, emancipara-se dos preconceitos férreos de sua raça; sua beleza lhe escravizara aos caprichos de mulher os mais ardentes admiradores; mas seu espírito tinha fome de amor. O profeta nazareno havia plantado em sua alma novos pensamentos. Depois que lhe ouvira a palavra, observou que as facilidades da vida lhe traziam agora um tédio mortal ao espírito sensível. As músicas voluptuosas não encontravam eco em seu íntimo, os enfeites romanos de sua habitação se tornaram áridos e tristes. Maria chorou longamente, embora não compreendesse ainda o que pleiteava o profeta desconhecido. Entretanto, seu convite amoroso parecia ressoar-lhe nas fibras mais sensíveis de mulher. Jesus chamava os homens para uma vida nova.

Decorrida uma noite de grandes meditações e antes do famoso banquete em Naim, onde ela ungiria publicamente os pés de Jesus com os bálsamos perfumados de seu afeto, notou-se que uma barca tranquila conduzia a pecadora a Cafarnaum. Dispusera-se a procurar o Messias, após muitas hesitações. Como a receberia o Senhor, na residência de Simão? Seus conterrâneos nunca lhe haviam perdoado o abandono do lar e a vida de aventuras. Para todos, era ela a mulher perdida que teria de encontrar a lapidação na praça pública. Sua consciência, porém, lhe pedia que fosse. Jesus tratava a multidão com especial carinho. Jamais lhe observara qualquer expressão de desprezo para com as numerosas mulheres de vida equívoca que o cercavam. Além disso, sentia-se seduzida pela sua generosidade. Se possível, desejaria trabalhar na execução de suas ideias puras e redentoras. Propunha-se a amar, como Jesus amava, sentir com os seus sentimentos sublimes. Se necessário, saberia renunciar a tudo. Que lhe valiam as joias, as flores raras, os banquetes suntuosos, se, ao fim de tudo isso, conservava a sua sede de amor?!...

Envolvida por esses pensamentos profundos, Maria de Magdala penetrou o umbral da humilde residência de Simão Pedro, onde Jesus parecia esperá-la, tal a bondade com que a recebeu num grande sorriso. A recém-chegada sentou-se com indefinível emoção a estrangular lhe o peito.

Vencendo, porém, as suas mais fortes impressões, assim falou, em voz súplice, feitas as primeiras saudações:

— Senhor, ouvi a vossa palavra consoladora e venho ao vosso encontro!... Tendes a clarividência do céu e podeis adivinhar como tenho vivido! Sou uma filha do pecado. Todos me condenam. Entretanto, Mestre, observai como tenho sede do verdadeiro amor!... Minha existência, como todos os prazeres, tem sido estéril e amargurada. ..

As primeiras lágrimas lhe borbulharam dos olhos, enquanto Jesus a contemplava, com bondade infinita. Ela, porém, continuou:

– Ouvi o vosso amoroso convite ao Evangelho! Desejava ser das vossas ovelhas; mas, será que Deus me aceitaria?

O Profeta nazareno fitou-a, enternecido, sondando as profundezas de seu pensamento, e respondeu, bondoso:

– Maria, levanta os olhos para o céu e regozija-te no caminho, porque escutaste a Boa Nova do Reino e Deus te abençoa as alegrias! Acaso, poderias pensar que alguém no mundo estivesse condenado ao pecado eterno? Onde, então, o amor de Nosso Pai? Nunca viste a primavera dar flores sobre uma casa em ruínas? As ruínas são as criaturas humanas; porém, as flores são as esperanças em Deus. Sobre todas as falências e desventuras próprias do homem', as bênçãos paternais de Deus descem e chamam. Sentes hoje esse novo Sol a iluminar-te o destino! Caminha agora, sob a sua luz, porque o amor cobre a multidão dos pecados.

A pecadora de Magdala escutava o Mestre, bebendo lhe as palavras. Homem algum havia falado assim à sua alma incompreendida. Os mais levianos lhe pervertiam as boas inclinações, os aparentemente virtuosos a desprezavam sem piedade. Engolfada em pensamentos confortadores e ouvindo as referências de Jesus ao amor, Maria acentuou, levemente:

– No entanto, Senhor, tenho amado e tenho sede de amor!...

– Sim — redarguiu Jesus —, tua sede é real. O mundo viciou todas as fontes de redenção e é imprescindível compreenda que em suas sendas a virtude tem de marchar por uma porta muito estreita. Geralmente, um homem deseja ser bom como os outros, ou honesto como os demais, olvidando que o caminho onde todos passam é de fácil acesso e de marcha sem edificações. A virtude no mundo foi transformada na porta larga da conveniência própria. Há os que amam os que lhes pertencem ao círculo pessoal, os que são sinceros com os seus amigos, os que defendem seus familiares, os que adoram os deuses do favor. O

que verdadeiramente ama, porém, conhece a renúncia suprema a todos os bens do mundo e vive feliz, na sua senda de trabalhos para o difícil acesso às luzes da redenção. O amor sincero não exige satisfações passageiras, que se extinguem no mundo com a primeira ilusão; trabalha sempre, sem amargura e sem ambição, com os júbilos do sacrifício. Só o amor que renuncia sabe caminhar para a vida suprema!..

Maria o escutava, embevecida. Ansiosa por compreender inteiramente aqueles ensinamentos novos, interrogou atenciosamente:

– Só o amor pelo sacrifício poderá saciar a sede do coração?

Jesus teve um gesto afirmativo e continuou:

– Somente o sacrifício contém o divino mistério da vida. Viver bem é saber imolar-se. Acreditas que o mundo pudesse manter o equilíbrio próprio tão-só com os caprichos antagônicos e por vezes criminosos dos que se elevam à galeria dos triunfadores? Toda luz humana vem do coração experiente e brando dos que foram sacrificados. Um guerreiro coberto de louros ergue os seus gritos de vitória sobre os cadáveres que juncam o chão; mas, apenas os que tombaram fazem bastante silêncio, para que se ouça no mundo a mensagem de Deus. O primeiro pode fazer a experiência para um dia; os segundos constroem a estrada definitiva na eternidade.

Na tua condição de mulher, já pensaste no que seria o mundo sem as mães exterminadas no silêncio e no sacrifício? Não são elas as cultivadoras do jardim da vida, onde os homens travam a batalha?!... Muitas vezes, o campo enflorido se cobre de lama e sangue; entretanto, na sua tarefa silenciosa, os corações maternos não desistem e reedificam o jardim da vida, imitando a Providência Divina, que espalhava sobre um cemitério os lírios perfumados de seu amor!..

Maria de Magdala, ouvindo aquelas advertências, começou a chorar, a sentir no íntimo o deserto da mulher sem filhos. Por fim, exclamou:

– Desgraçada de mim, Senhor, que não poderei ser mãe!

Então, atraindo-a brandamente a si, o Mestre acrescentou:

– E qual das mães será maior aos olhos de Deus? A que se devotou somente aos filhos de sua carne, ou a que se consagrou, pelo espírito, aos filhos das outras mães?

Aquela interrogação pareceu despertá-la para meditações mais profundas. Maria sentiu-se amparada por uma energia interior diferente, que até então desconheceria. A palavra de Jesus lhe honrava o espírito; convidava-a a ser mãe de seus irmãos em humanidade, aquinhoando-os com os bens supremos das mais elevadas virtudes da vida. Experimentando radiosa felicidade em seu mundo íntimo, contemplou o Messias com os olhos nevoados de lágrimas e, no êxtase de sua imensa alegria, murmurou comovida- mente:

– Senhor, doravante renunciarei a todos os prazeres transitórios do mundo, para adquirir o amor celestial que me ensinastes!... Acolherei como filhas as minhas irmãs no sofrimento, procurarei os infelizes para aliviar-lhe as feridas do coração,

estarei com os aleijados e leprosos.

Nesse instante, Simão Pedro passou pelo aposento, demandando o interior, e a observou com certa estranheza. A convertida de Magdala lhe sentiu o olhar glacial, quase denotando desprezo, e, já receosa de um dia perder a convivência do Mestre, perguntou com interesse:

– Senhor, quando partirdes deste mundo, como ficaremos?

Jesus compreendeu o motivo e o alcance de sua palavra e esclareceu:

– Certamente que partirei, mas estaremos eternamente reunidos em espírito. Quanto ao futuro, com o infinito de suas perspectivas, é necessário que cada um tome sua cruz, em busca da porta estreita da redenção, colocando acima de tudo a fidelidade a Deus e, em segundo lugar, a perfeita confiança em si mesmo.

Observando que Maria, ainda oprimida pelo olhar estranho de Simão Pedro, se preparava a regressar, o Mestre lhe sorriu com bondade e disse:

– Vai, Maria!... Sacrifica-te e ama sempre. Longo é o caminho, difícil a jornada, estreita a porta; mas, a fé remove os obstáculos... Nada temas: é preciso crer somente!

*

Mais tarde, depois de sua gloriosa visão do Cristo ressuscitado, Maria de Magdala voltou de Jerusalém para a Galileia, seguindo os passos dos companheiros queridos.

A mensagem da ressurreição espalhou uma alegria infinita.

Após algum tempo, quando os apóstolos e seguidores do Messias procuravam reviver o passado junto ao Tiberíades, os discípulos diretos do Senhor abandonaram a região, a serviço da Boa Nova. Ao disporem-se os dois últimos companheiros a partir em definitivo para Jerusalém, Maria de Magdala, temendo a solidão da saudade, rogou fervorosamente lhe permitissem acompanhá-los à cidade dos profetas; ambos, no entanto, se negaram a anuir aos seus desejos. Temiam-lhe o pretérito de pecadora, não confiavam em seu coração de mulher. Maria compreendeu, mas lembrou-se do Mestre e resignou-se.

Humilde e sozinha, resistiu a todas as propostas condenáveis que a solicitavam para uma nova queda de sentimentos. Sem recursos para viver, trabalhou pela própria manutenção, em Magdala e Dalmanuta. Foi forte nas horas mais ásperas, alegre nos sofrimentos mais escabrosos, fiel a Deus nos instantes escuros e pungentes. De vez em quando, ia às sinagogas, desejosa de cultivar a lição de Jesus; mas as aldeias da Galileia estavam novamente subjugadas pela intransigência do judaísmo. Ela compreendeu que palmilhava agora o caminho estreito, aonde ia só, com a sua confiança em Jesus. Por vezes, chorava de saudade, quando passeava no silêncio da praia, recordando a presença do Messias. As aves do lago, ao crepúsculo, vinham pousar, como outrora, nas alcaparreiras mais

próximas; o horizonte oferecia, como sempre, o seu banquete de luz. Ela contemplava as ondas mansas e lhes confiava suas meditações.

Certo dia, um grupo de leprosos veio a Dalmanuta. Procediam da Idumeia aqueles infelizes, cansados e tristes, em supremo abandono. Perguntavam por Jesus Nazareno, mas todas as portas se lhes fechavam.. Maria foi ter com eles e, sentindo-se isolada, com amplo direito de empregar a sua liberdade, reuniu-os sob as árvores da praia e lhes transmitiu as palavras de Jesus, enchendo-lhes os corações das claridades do Evangelho. As autoridades locais, entretanto, ordenaram a expulsão imediata dos enfermos. A grande convertida percebeu tamanha alegria no semblante dos infortunados em face de suas fraternas revelações a respeito das promessas do Senhor, que se pôs em marcha para Jerusalém, na companhia deles. Todo o grupo passou a noite ao relento, mas sentia-se que os júbilos do Reino de Deus agora os dominavam. Todos se interessavam pelas descrições de Maria, devoravam-lhe as exortações, contagiados de sua alegria e de sua fé. Chegados à cidade, foram conduzidos ao vale dos leprosos, que ficava distante, onde Madalena penetrou com espontaneidade de coração. Seu espírito recordava as lições do Messias e uma coragem indefinível se assenhoreara de sua alma.

Dali em diante, todas as tardes, a mensageira do Evangelho reunia a turba de seus novos amigos e lhes dizia o ensinamento de Jesus. Rostos ulcerados enchiam-se de alegria, olhos sombrios e tristes tocavam-se de nova luz. Maria lhes explicava que Jesus havia exemplificado o bem até à morte, ensinando que todos os seus discípulos deviam ter bom ânimo para vencer o mundo. Os agonizantes arrastavam-se até junto dela e lhe beijavam a túnica singela. A filha de Magdala, lembrando o amor do Mestre, tomava-os em seus braços fraternos e carinhosos.

Em breve tempo, sua epiderme apresentava, igualmente, manchas violáceas e tristes. Ela compreendeu a sua nova situação e recordou a recomendação do Messias de que somente sabiam viver os que sabiam imolar-se. E experimentou grande gozo, por haver levado aos seus companheiros de dor uma migalha de esperança. Desde a sua chegada, em todo o vale se falava daquele Reino de Deus que a criatura devia edificar no próprio coração. Os moribundos esperavam a morte com um sorriso ditoso nos lábios, os que a lepra deformara ou abatera guardavam bom ânimo nas fibras mais sensíveis.

Sentindo-se ao termo de sua tarefa meritória, Maria de Magdala desejou rever antigas afeições de seu círculo pessoal, que se encontravam em Éfeso. Lá estavam João e Maria, além de outros companheiros dos júbilos cristãos. Adivinhava que as suas últimas dores terrestres vinham muito próximas; então, deliberou pôr em prática seu humilde desejo.

Nas despedidas, seus companheiros de infortúnio material vinham suplicar-lhe os derradeiros conselhos e recordações. Envolvendo-os no seu carinho, a emissária do Evangelho lhes dizia apenas:

— Jesus deseja intensamente que nos amemos uns aos outros e que participemos de suas divinas esperanças, na mais extrema lealdade a Deus!...

Dentre aqueles doentes, os que ainda se equilibravam pelos caminhos lhe traziam o fruto das esmolas escassas e as crianças abandonadas vinham beijar-lhe as mãos.

Na fortaleza de sua fé, a ex-pecadora abandonou o vale, através das estradas ásperas, afastando-se de misérrimas choupanas. A peregrinação foi-lhe difícil e angustiosa. Para satisfazer aos seus intentos recorreu à caridade, sofreu penosas humilhações, submeteu-se ao sacrifício. Observando as feridas pustulentas que substituíam sua antiga beleza, alegrava-se em reconhecer que seu espírito não tinha motivos para lamentações. Jesus a esperava e sua alma era fiel.

Realizada a sua aspiração, por entre dificuldades infinitas, Maria achou-se, um dia, às portas da cidade; mas, invencível abatimento lhe dominava os centros de força física. No justo momento de suas efusões afetuosas, quando o casario de Éfeso se lhe desdobrava à vista, seu corpo alquebrado negou-se a caminhar. Modesta família de cristãos do subúrbio recolheu-a a uma tenda humilde, caridosamente. Madalena pôde ainda rever amizades bem caras, consoante seus desejos. Entretanto, por largos dias de padecimentos debateu-se entre a vida e a morte.

Uma noite, atingiram o auge as profundas dores que sentia. Sua alma estava iluminada por brandas reminiscências e, não obstante seus olhos se acharem selados pelas pálpebras intumescidas, via com os olhos da imaginação o lago querido, os companheiros de fé, o Mestre bem-amado. Seu espírito parecia transpor as fronteiras da eternidade radiosa. De minuto a minuto, ouvia-se lhe um gemido surdo, enquanto os irmãos de crença lhe rodeavam o leito de dor, com as preces sinceras de seus corações amigos e desvelados.

Em dado instante, observou-se que seu peito não mais arfava. Maria, no entanto, experimentava consoladora sensação de alívio. Sentia-se sob as árvores de Cafarnaum e esperava o Messias. As aves cantavam nos ramos próximos e as ondas sussurrantes vinham beijar-lhe os pés. Foi quando viu Jesus aproximar-se. mais belo que nunca. Seu olhar tinha o reflexo do céu e o semblante trazia um júbilo indefinível. O Mestre estendeu-lhe as mãos e ela se prosternou, exclamando, como antigamente:

- Senhor!...

Jesus recolheu-a brandamente nos braços e murmurou:

- Maria, já passaste a porta estreita!... Amaste muito! Vem! Eu te espero aqui!

A MULHER E A RESSURREIÇÃO (22)

Foi então, quando, na manhã do terceiro dia, a ex-pecadora de Magdala se acercou do sepulcro com perfumes e flores. Queria, ainda uma vez, aromatizar aquelas mãos inertes e frias; queria, uma vez mais, contemplar o Mestre adorado, para cobri-lo com o pranto do seu amor purificado e ardoroso. No seu coração estava aquela fé radiosa e pura que o Senhor lhe ensinara e, sobretudo, aquela dedicação divina, com que pudera renunciar a todas as paixões que a seduziam no mundo. Maria Madalena ia ao túmulo com amor e só o amor pode realizar os milagres supremos.

Estupefata, por não encontrar o corpo, já se retirava entristecida, para dar ciência do que verificara aos companheiros, quando uma voz carinhosa e meiga exclamou brandamente aos seus ouvidos:

– Maria!...

Ela se supôs admoestada pelo jardineiro; mas, em breves instantes reconhecia a voz inesquecível do Mestre e lhe contemplava o inolvidável sorriso. Quis atirar-se lhe. aos pés, beijar-lhe as mãos num suave transporte de afetos, como faziam nas pregações do Tiberíades; porém, com um gesto de soberana ternura, Jesus a afastou, esclarecendo:

– Não me toques, pois ainda não fui a meu Pai que está nos céus!...

Instintivamente, Madalena se ajoelhou e recebeu o olhar do Mestre, num transbordamento de lágrimas de incedível ventura. Era a promessa de Jesus que se cumpria. A realidade da ressurreição era a essência divina, que daria eternidade ao Cristianismo.

A mensagem da alegria ressoou, então, na comunidade inteira. Jesus ressuscitara! O Evangelho era a verdade imutável. Em todos os corações pairava uma divina embriaguez de luz e júbilos celestiais. Levantava-se a fé, renovava-se o amor, morrera a dúvida e reerguera-se o ânimo em todos os espíritos. Na amplitude da vibração amorosa, outros olhos puderam vê-lo e outros ouvidos lhe escutaram a voz dulçorosa e persuasiva, como nos dias gloriosos de Jerusalém ou de Cafarnaum.

Desde essa hora, a família cristã se movimentou no mundo, para nunca mais esquecer o exemplo do Messias.

A luz da ressurreição, através da fé ardente e do ardente amor de Maria Madalena, havia banhado de claridade imensa a estrada cristã, para todos os séculos terrestres.

*

É por isso que todos os historiadores das origens do Cristianismo param a pena, assombrados ante a fé profunda dos primeiros discípulos que se dispersaram pelo deserto das grandes cidades para pregação da Boa Nova, e, observando a confiança serena de todos os mártires que se têm sacrificado na esteira infinita do Tempo pela ideia de Jesus, perguntam espantados, como Ernest Renan, numa de suas obras:

— Onde está o sábio da Terra que já deu ao mundo tanta alegria quanto a carinhosa Maria de Magdala?

REVISTA ESPÍRITA 1860

Allan Kardec

COMUNICAÇÕES ESPONTÂNEAS

ESTELLE RIQUIER

(SOCIEDADE, 13 DE JANEIRO DE 1860)

O tédio, a mágoa, o desespero me devoram. Esposa culpada, mãe desnaturada, abandonei as santas alegrias da família, o domicílio conjugal embelezado pela presença de dois anjinhos descidos do céu. Arrastada pelas veredas do vício, por um egoísmo, um orgulho e uma vaidade desenfreados, mulher sem coração, conspirei contra o santo amor daquele que Deus e os homens me haviam dado por sustentáculo e companheiro na vida. Ele buscou na morte um refúgio contra o desespero que lhe haviam causado o meu covarde abandono e a sua desonra.

O Cristo perdoou à mulher adúltera e a Madalena arrependida. A mulher adúltera tinha amado e Madalena se tinha arrependido. Mas, eu! Miserável, vendi a preço de ouro um falso amor que jamais senti. Semeei o prazer a mancheias e não colhi senão o desprezo. A miséria horrível e a fome cruel vieram pôr termo a uma vida que me era odiosa... e eu não me arrependi! E eu, miserável e Infame, oh! quantas vezes empregue! com fatal sucesso, minha influência como Espírito, para levar ao vício pobres mulheres que via virtuosas e gozando a felicidade que eu havia calcado aos pés. Deus jamais me perdoará? Talvez, se o desprezo que ela vos Inspira não vos impedir de orar pela infeliz Estelle Riquier.

OBSERVAÇÃO: Tendo-se comunicado espontaneamente, sem ser chamado e sem ser conhecido dos assistentes, as seguintes perguntas foram dirigidas a este Espírito.

1. — Em que época morrestes? — Há cinquenta anos.
2. — Onde moráveis? — Em Paris.
3. — A que classe social pertencia vosso marido? — À classe média— Em que Idade morrestes? — Aos 32 anos.
4. — Que motivos vos levaram à comunicação espontânea conosco? — Foi-me

permitido, para vossa instrução e para exemplo.

5. — Tínheis recebido certa educação? — Sim.

6. — Esperamos que Deus vos levará em conta a franqueza da confissão e o vosso arrependimento. Pedimos que estenda sua misericórdia sobre vós, e que envie bons Espíritos para vos esclarecer sobre os meios de reparar vosso passado. — Oh! obrigada, obrigada! Que Deus vos ouça.

OBSERVAÇÃO: Várias pessoas nos informaram que consideraram um dever orar pelos Espíritos sofredores que assinalamos, e que pedem assistência. Fazemos votos para que tal pensamento caridoso se generalize entre os nossos leitores. Alguns receberam a visita espontânea dos Espíritos pelos quais se haviam interessado, e que lhes vieram agradecer.

DOENÇAS DA ALMA

Dr Roberto Brólio

A recomendação “instruí-vos”, não significa apenas a alfabetização e o estudo das técnicas e ciências que promovem o progresso material do ser humano, mas a aquisição de conhecimentos das verdades espirituais, como as que revelam que a criatura humana pode ser saudável, alegre e feliz, ou amargurada e doente, de acordo com as suas próprias ações, como está no mesmo livro citado, à página 323, item 21, 1º parágrafo: “O homem sofre sempre as consequências de suas faltas; não há uma só infração, à lei de Deus, que fique sem a correspondente punição. A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta”.

Jesus exemplifica plenamente o conceito da responsabilidade de cada um perante a Lei, pelos males que acometem o ser humano, associando a cura das doenças ao perdão das faltas cometidas, como quando curou um paraplégico, disse-lhe: “Filho, tem bom ânimo; perdoados te são os teus pecados”. (Mt 9, 2)

O perdão das faltas, concedido aos doentes que curava, não quer dizer que Jesus se antecede aos méritos das pessoas, dando-lhes antecipadamente o perdão de suas faltas. Conhecendo o coração dos homens, Jesus perdoa suas faltas, porque o amor antecede a prática de boas ações.

Não se trata de perdão sem fundamento, mas o reconhecimento de uma qualidade inerente às pessoas que amam, capazes de observar o segundo mandamento da Lei de Deus.

Jesus perdoou “Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios”. (Lc 8, 2)

E Maria Madalena, que era muito rica e tinha uma conduta que a entristecia, ficou livre dos seus obsessores, doou tudo o que tinha aos necessitados, e passou a observar rigorosamente os ensinamentos de Jesus, constituindo um exemplo edificante de uma das mais belas almas femininas do Cristianismo.

O amor antecede a realização das boas obras que fluem espontaneamente das pessoas que amam.

Há, em toda essa consideração, uma abrangência muito ampla, que constitui o reconhecimento da importância do Amor que rege os destinos dos seres humanos.

O perdão das faltas não contraria o princípio básico do Cristianismo, do ressarcimento das mesmas pela prática antecipada de boas ações. Pelo contrário, dá-lhe mais força, mais amplitude, visto que o amor está sempre presente em todas as realizações humanas, voltadas para o Bem.

As boas ações são inerentes às pessoas que amam, que fizeram ou estão fazendo a sua reforma íntima.

As boas ações, realizadas sem discriminação, constituem a base para a profilaxia das doenças da alma e dos problemas que afligem a criatura humana.

O EVANGELHO DE TOMÉ

José Lázaro Boberg

Um dos aspectos importantes a ressaltar nesses documentos gnósticos é que os diálogos ali encontrados são de Jesus em Espírito, demonstrando que os ensinamentos encontrados são resultados do intercâmbio mediúnico. Não são Comunicações de um Jesus ressurreto, como tentam fazer (Creditar os Evangelhos canônicos, em que as anotações foram transmitidas por Jesus sobrevivente no corpo de um cadáver, como um 'milagre'. Essa ideia da ressurreição do próprio corpo é inaceitável pela ciência. E muito conhecida a mediunidade de Pedro e Madalena, documentada mesmo nos textos sinóticos. Pagels entende que Madalena foi favorecida com visões e introversões que, de muito ultrapassara as de Pedro. Os Evangelhos de Marcos e João anotam que foi a ela que Jesus se manifestou primeiro; antes, Jesus expulsara os demônios (espíritos imperfeitos) que a assediavam. Num dos trechos do *Apocalipse de Pedro*, o documento encerra-se com a frase: "Assim que ele (Jesus) disse estas coisas, ele (Pedro) *voltou a si*". Conclui-se que a dissertação dada a Pedro foi de caráter mediúnico, transmitida por Jesus-Espírito.

O QUE JESUS DISSE? O QUE JESUS NÃO DISSE?

Bart D. Ehrman

A MULHER FLAGRADA EM ADULTÉRIO

A história de Jesus com a mulher flagrada em adultério é provavelmente a mais célebre história sobre Jesus na Bíblia; desde sempre, ela foi também certamente destaque nas versões hollywoodianas da vida dele. Também teve destaque em *A paixão de Cristo*, de Mel Gibson, embora o filme se concentre apenas nas últimas horas de Jesus (a história é tratada em um dos raros *flashbacks* do filme). Apesar de toda essa sua popularidade, o relato se baseia em apenas uma passagem do Novo Testamento, João 7,53-8,12, e nem mesmo ali parece fazer parte do contexto original.

O quadro da história é familiar. Jesus está ensinando no templo, e um grupo de escribas e fariseus, seus inimigos jurados, aproxima-se dele trazendo consigo uma mulher “que fora pega em flagrante ato de adultério”. Eles a trazem à presença de Jesus porque querem pô-lo à prova. A Lei de Moisés, é o que dizem a Jesus, prescreve que uma mulher dessas seja apedrejada até a morte; mas eles querem saber o que ele tem a dizer sobre o caso. Devem apedrejá-la ou mostrar misericórdia para com ela? Naturalmente, trata-se de uma armadilha. Se Jesus lhes disser para libertar a mulher, será acusado de violar a Lei de Deus; se lhes disser para apedrejá-la, será acusado de negligência para com seus próprios ensinamentos de amor, misericórdia e perdão.

Jesus não responde de imediato. Em vez disso, abaixa-se para escrever na areia. Quando eles dão seguimento a seu questionamento, ele lhes diz: “Aquele que não tem pecado seja o primeiro a lhe atirar uma pedra”. E volta a escrever na areia, enquanto aqueles que tinham trazido a mulher começam a sair de cena — evidentemente convictos de seu próprio malfeito — até que ninguém restou, além da mulher. Levantando os olhos, Jesus diz: “Mulher, onde estão todos? Ninguém te condenou?” Ao que ela replica: “Ninguém, Senhor”. Ele então responde: “Nem eu te condeno. Vai e não peques mais”.

É uma história brilhante, plena de sentimento e com uma guinada engenhosa na qual Jesus usa sua viva inteligência para se livrar — para não falar da pobre mulher — da armadilha. Claro que para um leitor atento a história suscita várias perguntas. Se essa mulher foi pega em flagrante de adultério, por exemplo, onde está o homem com quem ela foi pega? Ambos devem ser apedrejados, de acordo com a Lei de Moisés (Levítico 20,10). Além de tudo, o que exatamente Jesus escreveu na areia? (Segundo uma tradição antiga, ele estava escrevendo os pecados dos acusadores, que, ao verem que suas próprias transgressões eram conhecidas, ficaram completamente embaraçados!) E mesmo que Jesus tenha ensinado uma mensagem de amor, pensava realmente que a Lei de Deus dada por Moisés deixara de vigorar e que não precisava mais ser obedecida? Achava que os pecados não deviam mais ser punidos?

Apesar do brilhantismo da história, de sua cativante qualidade e de seu enredo próprio, ela suscita um outro problema enorme. Ao que tudo indica, ela não é parte original do Evangelho de João. De fato, não é parte original de nenhum dos Evangelhos. Foi acrescentada por copistas posteriores.

Como sabemos disso? Na realidade, pesquisadores que estudam a tradição manuscrita não têm dúvidas sobre esse caso particular. Mais adiante neste livro examinaremos com maior profundidade os tipos de evidência que os pesquisadores apresentam para fazer avaliações desse tipo. De momento, posso simplesmente indicar uns poucos fatos básicos que se demonstraram convincentes para quase todos os pesquisadores de variadas tendências: a história não se encontra em nossos mais antigos e melhores manuscritos do Evangelho de João; seu estilo de escrita é muito diferente daquele que é encontrado no restante de João (incluindo os relatos que vêm imediatamente antes e depois); e ela inclui um grande número de termos e frases que são, por outro lado, estranhas ao Evangelho. A conclusão é inevitável: essa passagem originalmente não faz parte do Evangelho.

Como, então, ela foi acrescentada? Há numerosas teorias acerca disso. Muitos pesquisadores pensam que provavelmente se tratava de um relato bem conhecido que circulava na tradição oral sobre Jesus, que a certa altura foi acrescentado à margem de algum manuscrito. A partir daí, algum copista ou alguém achou que a nota marginal devia ser parte do texto e a inseriu imediatamente depois da narrativa que acaba em João 7,52. Deve-se notar que outros copistas inseriram o relato em diferentes pontos do Novo Testamento — alguns deles depois de João 21,25, por exemplo, e outros, o que é bem interessante, depois de Lucas 21,38. Em todo caso, quem quer que tenha escrito o relato, não foi João.

E isso naturalmente deixa os leitores em um dilema: se essa história não fazia originalmente parte de João, pode ser considerada parte da Bíblia? Nem todos responderão a essa pergunta do mesmo modo, mas para a maioria dos críticos textuais a resposta é não.

MUDANÇAS INTENCIONAIS

A tendência dos copistas a “harmonizar” passagens nos Evangelhos está por toda parte. Sempre que a mesma narrativa era contada em Evangelhos diferentes, um copista ou outro parecia surgir para assegurar que os relatos «tivessem em perfeita harmonia, eliminando diferenças « golpes de pena.

Às vezes, os copistas eram influenciados não por pastagens paralelas, mas por tradições orais sobre Jesus e por tradições sobre Ele que eram contadas e que circulavam à época. Já vimos isso em grandes casos, no episódio da mulher flagrada

em adultério e no dos últimos 12 versículos de Marcos. Em casos menores, também podemos ver como as tradições orais afetaram os textos escritos dos Evangelhos. Um exemplo notável é a memorável narrativa de João 5: Jesus curando um paralisado às margens da piscina de Betzatá. É-nos dito no início da narrativa que muitas pessoas — paralisados, cegos, coxos e inválidos — jaziam à beira da piscina e que Jesus escolheu um homem, que ali estava havia 38 anos esperando para ser curado. Quando Jesus pergunta ao homem se gostaria de ser curado, o homem responde que não há ninguém que possa jogá-lo na piscina, de modo que “quando a água se agita” alguém sempre chega à água antes dele.

Em nossos mais antigos e melhores manuscritos, não há explicação de porque esse homem *queria* entrar na piscina assim que as águas se agitasse, mas a tradição oral corrigiu a falha com um acréscimo aos versículos encontrado em nossos manuscritos posteriores. Ali, nos é dito que “um anjo, de tempos em tempos, descia à piscina e agitava a água; e o primeiro que descesse depois que a água fosse agitada seria curado. Um toque de beleza em uma história já bastante intrigante.

CONCLUSÃO

Poderíamos ficar por quase todo o sempre falando de passagens específicas nas quais os textos do Novo Testamento vieram a ser alterados, seja acidental ou intencionalmente. Como eu disse, os exemplos se contam não às centenas, mas aos milhares. Os exemplos dados são suficientes para demonstrar o ponto geral, contudo: há muitas diferenças entre nossos manuscritos, diferenças criadas por copistas que reproduziam seus textos sagrados. Nos primeiros séculos cristãos, os copistas eram amadores e, como tais, mais inclinados a alterar os textos que copiavam — ou mais propensos a alterá-los acidentalmente — que os copistas dos períodos posteriores, que, a partir do século IV, começaram a ser profissionais.

É importante ver que tipos de mudança, tanto acidentais como intencionais, os copistas foram capazes de fazer, porque, a partir daí, fica mais fácil delimitar as mudanças e eliminar parte do esforço de adivinhação implicado na tentativa de determinar qual forma do texto representa uma alteração e qual representa sua forma primitiva. Também é importante ver como os pesquisadores modernos projetaram métodos para fazer esse tipo de determinação. No próximo capítulo, traçaremos as linhas dessa história, a começar do tempo de John Mill e vindo até a atualidade, examinando que métodos foram desenvolvidos para a construção do texto do Novo Testamento e para o reconhecimento das formas pelas quais ele foi

mudado em seu processo de transmissão.

JUDAS, traidor ou traído?

Danillo Nunes

A hipótese altamente provável de os discípulos não se encontrarem em Jerusalém por ocasião da crucificação explicaria, ainda, o curioso fato de a primeira aparição de Jesus, que lá teria acontecido, pouco tempo após haver ressuscitado, não ter sido a nenhum discípulo, e sim a uma mulher. De fato, precisando os redatores dos Evangelhos de uma aparição de Jesus logo após a ‘constatação’ do túmulo vazio — no sentido de reforçar o mito da ressurreição —, não podiam consigná-la a nenhum dos discípulos, pois a fuga que haviam empreendido estava bem viva na lembrança dos cristãos da época. Tiveram, então, que atribuir a mulheres. Mas qual, entre elas, seria a mais indicada para haver tido uma ‘visão’ de Jesus? Evidentemente Maria Madalena por suas condições psíquicas, uma vez que pouco tempo antes sofrera algum tipo de perturbação mental. De fato, Marcos e Lucas informam ter Jesus “dela expulsado sete demônios”, o que nos leva a imaginá-la de temperamento apaixonado e obsessivo, capaz de dedicação extrema a quem a havia curado. Eis porque ninguém melhor do que ela, em seu desesperado inconformismo com a morte de Jesus, teria condições psíquicas para ‘vê-lo’, a qualquer momento, ressuscitado.

O Espiritismo perante a Bíblia

Sergio Fernandes Aleixo - Lair Amaro Faria

Parte I - Cap. IV §13 -Pág. (9)

Os resultados podem parecer chocantes, mas os historiadores estão bastante seguros sobre quais passagens não pertenciam originalmente do Novo Testamento, mesmo que no decorrer dos séculos tenham vindo a se tomar, para os cristãos, partes autênticas dos textos.

Uma destas passagens é a história de Jesus com a mulher flagrada em adultério. Imortalizado nas escolas dominicais, nas catequeses, nas aulas de evangelização, na cinematografia e nas mais diferentes representações populares da vida de Jesus, o relato se baseia em apenas uma passagem neotestamentária, João 7.53-8.12.

Dispensando sua descrição, não se pode negar o brilhantismo da história, sua cativante qualidade e a argúcia atribuída a Jesus para livrar-se de seus acusadores. Entretanto, os historiadores afirmam, com toda a segurança, que esta passagem não

é original do Quarto Evangelho. Mais que isso, ela não é original de nenhum dos Evangelhos. É um acréscimo posterior de algum copista.

Os fatos básicos que, levantados pelas pesquisas, convenceram a grande maioria dos pesquisadores são: a história não se encontra nos mais antigos manuscritos do Evangelho de João nem nos manuscritos unciais do século IV (KÖESTER, 2005:203); seu estilo de escrita é muito diferente daquele que é encontrado no restante de João; e ela inclui um grande número de termos e frases que são, por outro lado, estranhas ao Evangelho.

Convém ressaltar que esta história da mulher flagrada em adultério aparece nos manuscritos em diferentes pontos do Novo Testamento — nalguns deles depois de João 21,25, e noutros depois de Lucas 21,38.

Acerca da razão para esta interpolação pelos copistas, os historiadores sugerem hipóteses. Talvez fosse um relato que circulava na tradição oral sobre Jesus, que a certa altura foi acrescentado a alguma cópia de algum manuscrito. Talvez fosse uma lição referente à misericórdia de Jesus com os pecadores e que veio a ser incluída a partir do momento em que houve uma mudança na Igreja em perdoar o adultério (BROWN, 2004:511).

Em todo caso, qualquer que tenha sido a razão e quem quer que tenha escrito o relato, ele não é original do Evangelho de João.

Parte II - §15 Pág. (21)

Portanto, não são nem um pouco nocivas à nossa doutrina as pesquisas do Jesus Histórico; mesmo salutar seria o interesse dos espíritas por tais incursões. Trata-se de exercitar uma fé que se define como raciocinada; de não cultivar confiança cega em nada, menos ainda nas Escrituras, e de saber tão exatamente quanto possível o porquê dessa resolução.

Ante as incertezas em que tais pesquisas deixam o religioso tradicional, os espíritas só têm mais um dos muitos ensejos de agradecerem aos Instrutores da codificação Kardequiana, que, sob a chefia do Espírito de Verdade, presentearam este planeta com a definitiva ressurreição do espírito de imortalidade gloriosa, presente também no que havia de mais sadio à época das crônicas bíblicas, por mais deturpadas, ou até inventadas.

Se o caso da mulher adúltera não for histórico, estarão os cristãos desobrigados de perdoar? Será, é verdade, um exemplo a menos de perdão. No entanto, mesmo que seja considerado histórico tão somente um dos muitos exemplos da vida singular de Jesus de Nazaré, existirá em tal ação grandiloquência suficiente para resgatar o mundo inteiro, porque praticada ao influxo poderoso da

estatura evolutiva de um puro Espírito; estatura a que o Espiritismo nos destina a todos, por lei da natureza, e não privilégio mitológico.

Mais que dos exemplos históricos em si, precisamos saber em que se sustentaram efetivamente, e é a esse domínio mais alto que o Espiritismo, e só o Espiritismo, pode transportar- nos! Ou como se explicaria o fato de o livro mais lido do mundo ser a Bíblia, sendo a verdade o que é menos conhecido? E se digo: mais que dos exemplos históricos, não digo que sejam inúteis os exemplos. Mas em que eventualmente se fundaram?...

O Espiritismo demonstra que tais exemplos de galhardia e virtude extremadas se sustentaram numa integração maior com as leis morais do universo, pelo conhecimento e vivência dessas mesmas leis, destino de todos nós, e já realizado em ampla medida por irmãos mais elevados na hierarquia do espírito. Ninguém ignora que se ousa até incluir Jesus nas linhas da psiquiatria quando não se entende o que justifica muitas de suas ações e palavras. Kardec sintetiza assim tudo o que venho de dizer:

Jesus colocou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade; fez dele uma condição expressa de salvação; mas estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que dá da vida espiritual, pelos horizontes novos que descobre e as leis que revela, sancionar esse princípio, provando que não é somente uma doutrina moral, mas uma lei da Natureza, e que está no interesse do homem praticá-lo. [...] Mas, para isso, lhe é necessária a fé, sem a qual ficará forçosamente na rotina do presente; não a fé cega que foge da luz, restringe as ideias, e, por isso mesmo, mantém o egoísmo, mas a fé inteligente, raciocinada, que quer a claridade e não as trevas, que rasga temerariamente o véu dos mistérios e alarga o horizonte; é essa fé, primeiro elemento de todo o progresso, que o Espiritismo lhe traz, fé robusta porque está fundada sobre a experiência e os fatos, porque lhe dá provas palpáveis da imortalidade de sua alma, lhe ensina de onde vem, para onde vai, e porque está sobre a Terra; porque, enfim, ela fixa suas ideias incertas sobre seu passado e sobre seu futuro.¹³

Um estudo perseverante e sério da doutrina espírita leva fatalmente à conclusão de que a moral mais universalizável que existe neste mundo é a moral cristã, por pura excelência, desde que não se entenda por Cristianismo aquilo que começou com as disputas de Pedro e Paulo e chegou até nosso tempo em lamentáveis idiosincrasias e arengas inglórias.

Ao Espiritismo muito se deverá, um dia, por nossa entrada definitiva nessa dimensão de acurado enlevo ontológico a que se chama “regeneração”, grande movimento evolutivo que se opera e cuja presidência é do próprio Cristo, é do Espírito de Verdade

UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO

Beatriz P. Carvalho

Maria Madalena tornou-se depois uma das maiores seguidoras de Jesus, tanto que foi para ela que o Mestre, em primeiro lugar, se manifestou após sua morte física.

ENCONTROS COM JESUS

Wallace Neves – Yvonne A. Pereira

A essência do nardo

Enquanto Jesus exortava, pacificando as almas dos seus amigos silenciosos, estimulando-os à confiança e à alegria, vinha do fundo da sala um perfume delicado e sutil, de início, que trazido pela aragem inundou o ambiente. A fragrância de bálsamo de nardo puro maravilhosamente dominou a ceia; foi aí que perceberam que Maria quebrara o vaso de alabastro e transportava-o, com cuidado, pelo meio dos visitantes até chegar-se a Jesus. Todos silenciaram com admiração.

Calmamente, ungiu-lhe a cabeça e os pés e, que passou a enxugar, em seguida, com seus longos cabelos.

Judas e mais dois outros discípulos, embora com respeito, consideraram:

- É desperdício, um perfume tão caro... Seu valor poderia ser dado aos pobres, pois trezentos denários representam trezentos dias de trabalho...

Com um gesto, Jesus impeliu-os ao silêncio e repreendeu, com voz pausada e palavras bem-marcadas, mas com severidade: - Ainda não aprenderam que serão julgados com a mesma medida com que julgarem? Dias atrás, na casa do fariseu, uma mulher que consideraram de má vida, chorando, ungiu-me com o unguento de nardo que conduzia num vaso de alabastro. Lavou-me os pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos; beijou-me os pés e ungiu-me com o unguento perfumado e ninguém, até então, dera-me água para os pés cansados das longas caminhadas. A partir dali, ela transformou-se definitivamente, apesar do constante assédio dos comparsas adúlteros.

"Em Sicar, não fui poupado pelos murmúrios dos meus em críticas inoportunas por causa do diálogo com a mulher samaritana à beira do poço de Jacó. No

entanto, foi ela quem se tornou a defensora do meu Evangelho e sensibilizou o povo de Samaria.

E agora, por que molestam Maria? Ela silenciosamente fala de seu amor e devoção. Os pobres sempre, sempre estarão às suas portas para uma boa ação em qualquer época, mas a mim nem sempre terão, porque retornarei ao Pai e Maria traz essa consciência no fundo da alma, mais do que qualquer um; e, ao derramar o perfume de nardo sobre mim, o faz para o meu sepultamento.

“Digo-lhes, ainda, que onde for pregado o meu Evangelho, em todo o mundo, será contado, também, o que ela fez para a memória sua. Guardem no coração este momento, pois nunca mais acontecerá, porque ele é único.”

Jesus pediu a Maria que guardasse o restante do nardo, dizendo-lhe que ela sabia o porquê, calando-se em seguida. Maria, ajoelhada aos seus pés, levantou a cabeça e, com os olhos umedecidos, conseguiu balbuciar:

— Meu Jesus!... Meu bom amigo!...

Misteriosamente, uma aragem invadiu o salão e as ondas de perfume de nardo se intensificaram, escapando para além das portas e janelas, a alcançarem o exterior. Alguns transeuntes que por ali passavam impregnaram-se, atônitos; pararam e, em se aproximando, perceberam, extasiados, além da fragrância estranha, suave claridade no interior daquele cenáculo.

Sepulcro aberto

O Sol já se recolhia, aos poucos, por detrás do Monte das Oliveiras, em lenta agonia, a oferecer ao céu um quadro ao mesmo tempo suave, de poucas nuvens, em tons rosáceos e de melancólica beleza, quando José, um homem rico da cidade de Arimatea, procurou Pôncio Pilatos para resgatar o corpo de Jesus, a fim de sepultá-lo, condignamente, num túmulo que mandara escavar na rocha, para si mesmo.

Argumentara, para tanto, que o crucificado, sem nenhuma comprovação condenatória, sofrerá a execração pública em demasia e não deveria ter maior humilhação, permanecendo na cruz até que as aves de rapina o consumissem. Lembrou-lhe, inclusive, que suas pernas não haviam sido quebradas, como costumeiramente se fazia com qualquer criminoso confesso.

Ante a indecisão de Pilatos, José de Arimatea o convenceu, em definitivo, ao lembrar-lhe que Jerusalém voltaria à normalidade de seus dias e tudo já se ajustaria às faixas do esquecimento.

Maria Madalena e Maria de Cleopas, mãe de Tiago menor, entre lágrimas e lamentações, haviam permanecido diante do túmulo fechado por pesada mó.

- Não teremos mais o nosso Raboni a quem tanto amamos - comentou Maria de Cleopas. - Não compreendo o porquê de tamanha atrocidade contra um homem cujo único crime, se assim fosse, seria o de simplesmente amar.

- Não bastasse a injustiça, houve o agravamento com as injúrias, as humilhações e as artimanhas de Caifás, ao torcer os fatos para o injustificável julgamento do Sinédrio - estendeu-se Maria de Magdala. - Não foi um julgamento, foi uma condenação antecipada.

— Como antecipada?

- Durante os três anos de peregrinação, sempre tentaram enredar Jesus em erro contra as leis e várias foram as tentativas para eliminá-lo. Soube que, no Sinédrio, ele não quis se defender, mantendo-se em sereno silêncio...

E Maria de Magdala prosseguiu.

— Ele nos ofereceu, e a tantos, as chaves de luz para abrirmos as portas da nossa redenção. Quantas vidas transformadas! Não falo aqui das doenças, das cegueiras, das deficiências do corpo, principalmente a lepra, mas das profundas enfermidades da alma... E dessas eu conheço bem de perto, pois as alimentei durante tantos anos, por ignorância e por cultivar um amor que meu coração ansiava, mas que era enganoso, vazio e sem completude.

“Agora, apesar de mergulhada nos véus de inesgotável saudade, meu coração se sente fortalecido pela fé e alimentado por aquele amor que me era desconhecido e que transborda, sem comportas, como um rio que se espraia para além das margens, na foz, no encontro com o oceano.

Maria de Cleopas abraçou-se à amiga e lhe disse ao ouvido;

- Enxuguemos nossas lágrimas e vamos ao burgo. Providenciaremos as essências para embalsamá-lo. Nada podemos fazer por seu espírito, que é divino, mas podemos homenagear sua memória perfumando lhe o corpo.

No palácio de Pôncio Pilatos, alguns fariseus e sacerdotes do Templo também o procuraram, extremamente preocupados com a possibilidade dos seguidores de Jesus roubarem seu corpo com o objetivo de validar a profecia de que ele ressuscitaria no terceiro dia após a sua execução.

- Precisamos que a sua autoridade ordene que lacrem o túmulo daquele condenado, aliás, executado, e coloque sentinelas à entrada do mesmo - falou um dos sacerdotes, com empáfia. - E com alguma urgência!

- E por que eu faria isso? - perguntou Pilatos, com certo desdém na voz. — Apresentem-me uma razão convincente.

- É voz corrente que esse Jesus de Nazaré afirmou que em três dias, após sua morte, ele voltaria a viver. E muito provável que seus seguidores o roubem do túmulo para testificar a profecia e, o que é pior, impressionar o povo.

- E mais — acrescentou um dos fariseus, imprimindo autoridade na voz. —

Sabemos que José de Arimatea o procurou para resgatar o corpo do crucificado e você o autorizou. Então...

- São situações diferentes - respondeu Pilatos, com enfado. - Um condenado que foi executado não pertence às autoridades constituídas; seu corpo não é de ninguém, a não ser que algum parente ou outrem que o reclamem.

Depois de breve pausa, Pilatos prosseguiu, com cinismo:

- Não vou me indispor contra Roma, arregimentando os centuriões da Torre Antônia. Isso fortaleceria a imaginação popular e reforçaria, aos olhos do império, que alguma coisa muito séria estaria acontecendo em sua província. Ao contrário, tudo deve ser esquecido rapidamente, tornando-se apenas um acontecimento local sem qualquer importância. Do mesmo modo, não vou me indispor com o Sinédrio, deixando de atendê-los. Percebo que vieram em seu nome 'extraoficialmente'. Portanto, façam como bem entenderem! Utilizem seus herodianos para sentinelas ou quem desejarem, mas sem minha participação oficial.

"Sou cético. Conheço o seu fanatismo e concluo que suas preocupações são outras: o seu maior receio é que a profecia do Galileu, quanto à sua ressurreição, realmente se cumpra, o que seria inadmissível derrota para vocês. O Sinédrio criou um incêndio, quando poderia ter deixado que as chamas passageiras de uma pequena fogueira se apagassem naturalmente, já que a postura do povo é sempre volátil."

Pilatos, sentado, abaixou a cabeça, simulando concentrar-se num pergaminho sobre a mesa e, com um gesto de enfado, com a mão, ordenou que se retirassem:

- Vão... vão! Podem ir, retirem-se agora. Tenho muitas ocupações a concluir...

Entardecia em Jerusalém, naquele sábado, iniciando-se assim, no calendário judaico, o primeiro dia da semana.

A noite transcorreu triste e dolorosa para o coração de Maria de Magdala que, sem conter sua ansiedade, permanecera acordada, sem apagar a chama da candeia.

Manteve-se assim, pensativa e imersa no diáfano véu da saudade que sabia acrisolada, na alma, para o resto de sua vida.

Não esperou que o amanhecer expulsasse do céu, em definitivo, o manto estrelado da noite. Ainda, de madrugada, tomou a estrada e se dirigiu ao túmulo de Jesus.

Tomada pela surpresa, ao verificar que a pesada pedra havia sido removida da entrada do túmulo, voltou apresada em busca de Pedro e de João para lhes relatar o ocorrido.

As primeiras claridades do dia se anunciavam, despertando os pássaros e emprestando nuances douradas à vegetação do bosque, quando os dois amigos

correram para lá. João, no entanto, o mais novo, chegou primeiro e, mesmo do lado de fora, percebeu que somente havia os lençóis de linho que envolveram o corpo de Jesus. Simão Pedro chegou, logo em seguida, entrando no túmulo passo a passo e, do mesmo modo, viu os mesmos lençóis de linho, estando, à parte, o lenço que cobria o rosto do Senhor.

Pedro se abaixou e, de olhos humedecidos, pegou os lençóis e os acariciou com delicadeza, apesar de suas mãos calejadas pela lida com o cordame grosseiro, com os remos roliços e pesados e o com velame rústico dos barcos de pesca, sob a força dos ventos e do impulso constante das vagas no Mar da Galileia.

Em silêncio, Pedro abstraiu-se da presença dos amigos e, com olhai indefinido, fixo na parede rochosa do fundo, recordou-se, com alegria, das longas jornadas por aquelas terras ensolaradas de um céu sempre a/ul e de noites nunca sem estrelas. E chorou...

Refeitos da surpresa, foram à procura dos demais companheiros.

Maria de Magdala, por sua parte, permaneceu por mais algum tem po... Como o Sol já se erguera um tanto acima das montanhas, julgou que a discreta claridade no interior do túmulo, um tanto azulada, n.i da li advinda. Porém, chorando baixinho, entrou naquele ambiente e se deparou com dois jovens de rara beleza, a irradiarem a claridade, em vestes brancas, postados cada um em uma extremidade da pedra onde haviam colocado o corpo.

- Por que você chora, mulher, e a quem procura? — perguntaram a ela.

- Por que levaram o meu Senhor? - perguntou, num lamento. - Eu não sei onde o puseram!

Ao voltar-se para trás, viu Jesus, de pé, mas não o reconheceu. Contudo, achando que ele era o cuidador daquele horto, interrogou-o suplicante, já em prantos:

- Se você o tirou daqui, diga-me, por favor: onde o colocou? Eu o levarei.

- Maria! Maria!

Aquela voz, ela reconheceria aonde quer que fosse... Tomada por imensa alegria, dirigiu-se a ele com o intuito de abraçá-lo:

- Raboni! Raboni!. É você!

- Não me toque, Maria - ele disse, impedindo que ela se aproximasse com um gesto. — Não deve me tocar, por ora.

- Por que, Senhor, não devo abraçá-lo?

- Porque estou apenas em espírito para a sua visão. Ainda não constituí corpo que possa ser visto e também tocado. Guardei para você, Maria, este momento. É minha gratidão por seu amor incondicional, sem exigências ou prisões. É esse amor

que aguardo, com esperanças, vivido, alimentado no coração de cada uma das ovelhas do imenso rebanho que tenho sob minha guarda.

- E quando isso acontecer, Raboni?

A humanidade será feliz e liberta. Por enquanto, são aves implumes que ensaiam seus cânticos e que, mal saídas dos seus ninhos, aprendem a voar. No entanto, não se aventuram além dos limites de seu reduto na floresta ou pouco mais acima das árvores onde nidificam. No futuro, continentes e montanhas não serão obstáculos, pois a consciência e o coração não precisarão de asas. Volte e procure os meus irmãos, dizendo-lhes para voltarem à Galileia que eu irei adiante; lá poderão me ver.

Jesus desapareceu da visão de Maria de Magdala. Ela retornou pela mesma estrada por onde viera, saltitante de alegria, cantarolando e sentindo os pés ligeiros e leves, admirando as flores do caminho e o voo gracioso das andorinhas aos bandos, em revoadas.

27 - Yula e Issacar

O Sol, àquela hora da tarde, incidindo obliquamente na cruzeta da pequena coluna vertical, assentada sobre o limbo tracejado do relógio de sol, de tipo egípcio, permitia a leitura que indicava a undécima hora.

No alpendre da casa simples, mas espaçosa, a família aguardava os convidados. Maria não ocultava sua alegria, ante a curiosidade de João.

Aos poucos, os convidados foram chegando e recebidos com carinho e muita cordialidade. Maria havia preparado pães ázimos de trigo e colhera frutas; João assou peixes temperados com ervas especiais.

Curiosamente, cada convidado espontaneamente decidiu trazer alguma coisa. Em primeiro lugar, chegaram Maria de Magdala e a 'mulher sem nome', trazendo leite fresco de cabras; a seguir, Zaqueu ofereceu o único odre de vinho que conservara consigo durante anos; Marta, Maria e Lázaro trouxeram queijos de sua produção caseira; Simão de Cirene ofereceu azeitonas verdes e azeite do vale do Jordão; Yula, amparada por Issacar, não se esqueceu dos figos, romãs, tâmaras e mel de abelhas.

Imediatamente às apresentações aos que não se conheciam, a conversação tornou-se franca e agradável, conduzida para as lembranças carinhosas, saudosas e oportunas da vivência de cada um com Jesus, a destacarem seus momentos especiais e marcantes.

À pergunta de um dos presentes, as expressões de Zaqueu fizeram convergir para ele as atenções de todos, gradativamente:

- Foi necessário que eu, baixo como sou, subisse de certa forma ridícula, no entender dos que me conheciam, num sicômoro em Jericó, para descer do meu

dourado pedestal de chefe dos publicanos e aprender o desapego, quando o Cristo desceu de sua grandeza espiritual para cear comigo, na casa de um pecador. Desfiz de todas as aquisições da ilegalidade e, hoje, o que possuo é resultado do trabalho honesto e honrado. Sou um homem liberto e feliz.

- Outrora, enganosamente, eu me sentia feliz por ser conhecida, em Jerusalém, por gente das tetrarquias, os nobres de preferência, e para além dos limites de Israel. O vinho, a dança, as joias, tudo em excesso, as lisonjas dos que eu julgava ter em minhas mãos, tudo isso me alimentava a alma, estimulada por sete espíritos que, desde cedo, eu abrigara, aprisionara no cerne de profunda vaidade, tornando-me cega prisioneira. Quando Jesus me libertou dos espíritos infelizes, disse que cabia a mim libertar-me de mim mesma. Não foi preciso que ele me dissesse, mas levou-me a descobrir que, o que eu pensava ser amor, não passava de avassaladora paixão. Um rio caudaloso e turbulento não se compara a um riacho transparente e cantante por entre seixos. Nada possuo mais, todos me abandonaram, mas não guardo a solidão. Descobri o amor e sou feliz. Sou conhecida como 'a mulher sem nome', porém isso não me traz qualquer incômodo.

- Podemos saber por quê?— perguntou João, sempre curioso, sentindo o clima de liberdade reinante. — Você já teve nome?

- Vocês todos entenderão. Já tive nome, sim; no entanto, na vida mundana, tive muitos e fui conhecida por vários nomes, a maior parte pejorativos, e, como mulher, numa sociedade onde todos os valores, por direito e por tradição, pertencem aos homens, constrangi-me a aceitar tudo. Perdi minha identidade de mulher e de ser humano porque não via como me libertar, não havia portas e, no meio de tudo, a profunda solidão. Desejei morrer para mergulhar, no nada, a inutilidade de minha existência, mas... Sempre soube e não acreditava que Deus oferecesse um 'mas'. Eu me perdia pelas ruas, certo dia, disposta a me consumir e, de longe, vi Maria de Magdala. Sabia de sua renúncia aos velhos costumes e pensei: não tenho de que renunciar, mas farei algo pela última vez, na vida, e, com todas as forças restantes e toda a profundidade de meu ser, falei um nome: Jesus!

"Soube que havia chegado cansado e se hospedara numa casa que eu conhecia. Com os últimos denários que possuía, comprei essência de nardo e, como último desejo, o mais íntimo da minha alma, resolvi que iria procurá-lo, o homem bom, a meu ver único, não para pedir qualquer favorecimento, pois não valia a pena, vindo de um ser abjeto como eu, mas para render-lhe homenagem.

"Ao entrar naquele recinto, não me preocupei com o desdém e o repúdio com que olharam. De modo estranho e incompreensível para mim, todo peso do tédio, da melancolia e da angústia acumulados, que carregava, desapareceu. Uma estranha comoção invadiu todo o meu ser e me senti leve, pura!

"Jesus, sentado, olhou nos meus olhos e vi nele estranha luz. Não pude conter as

lágrimas represadas, que eu sabia secas, extintas como um córrego em dura e prolongada estiagem. Ungi-o com a essência do nardo, lavei os seus pés feridos, empoeirados pelos pedregulhos da estrada, com as minhas lágrimas, e os enxuguei com os meus longos cabelos. Sei que desdenharam, mas não ouvi o que disseram nem o que ele respondeu, porém sei o que meu coração ouviu. Beije-i-lhe os pés com maternal ternura e saí, trôpega.

“Do lado de fora estava Maria de Magdala, que colocou seu braço sobre meus ombros e me disse, apenas: ‘vem comigo, irmã’. Eu obedeci, fui e nunca mais fiquei sem seu amparo.

“Assim, conservo-me como ‘mulher sem nome’, porque o que me importa, hoje, é minha identidade renovada, um renascimento que prescinde de nome. Sou feliz.”

- Meus amigos! Eu, Maria de Magdala, mulher com nome muito bem-marcado, nunca fui diferente da minha querida e sincera amiga. Ela, na pobreza e no abandono pelas vielas escuras, apelidada de mundana pelos que a escravizaram por quase nada, subjugaram seu corpo e desprezaram sua alma. Eu, na opulência da casa, dos perfumes, das roupas e do dinheiro, todavia, no desprezo disfarçado pela lisonja, cercada pela bajulação ocultada pela inveja, envolvida pelas promessas de amor debaixo dos enganos promovidos pela paixão. No silêncio das noites indormidas, a melancolia e a solidão junto a um séquito oculto de sofrendores. Um dia, desejei deitar-me na cama coberta por veludo e caras sedas do oriente e nunca mais levantar, morrer de inanição. No auge do meu silencioso e oculto desespero, com todos os resíduos das forças que me restavam, achando que não possuía mais lágrimas, disse apenas um nome: Jesus!

“A noite, lá fora, estava tranquila e, do meu quarto, via o céu cintilante de tantas estrelas derramadas naquele manto escuro. Pareceu-me que uma delas brilhava mais do que as outras. Ela foi crescendo e sua luz, ao mesmo tempo intensa e suave, entrou pela janela aberta, tomou a forma de névoa difusa e, no meio dela, Jesus tomou corpo. Seu olhar penetrante e doce trouxe-me paz. Ele, sem articular os lábios, falou dentro de minha consciência: ‘Maria de Magdala, sou eu a sua redenção, porque lhe trago um amor nunca experimentado, mas que habita, ainda desconhecido, no seu coração. Levarei comigo os seus atormentadores. Segue-me. E nunca mais o abandonei.’”

- Marta, Maria, Lázaro - interpelou João -, todo mundo ficou conhecendo a história de vocês e ninguém desconhece a grande amizade em clima de reciprocidade entre vocês e Jesus. O que vocês consideram de maior relevância nessa convivência tão boa? Quem irá comentar: Marta, Maria, ou Lázaro?

Os três irmãos sorriram e cochicharam entre si, o que levou os demais presentes a sorrirem, também descontraídos. Por fim, as irmãs decidiram que seria Lázaro.

- E verdade. Jesus de Nazaré cultivou grande amizade pela região de Betânia e, particularmente, por nossa família.

Na cidade de Betânia, os feitos do Messias, do Cristo, enfim, de Jesus, eram conhecidos por todos, mas ninguém se preocupou em procurá-lo para exigência, milagres, mistérios espetaculares ou qualquer coisa dessa natureza. Era admirado e respeitado, reconhecido, porém isento de bajulações ou subserviência. No entanto, buscavam seus ensinamentos com interesse e tranquilidade, sem a ansiedade dos excessos religiosos para chegarem às cortes celestes. Os únicos irrequietos eram os rabinos, os escribas, os fariseus e os fanáticos da sinagoga. Embora o reconhecêssemos como enviado Divino, o tratamos como a um irmão muito amado. E ele apreciava isso.

“Já havia curado Simão, o Leproso quando ‘minha morte’ ocorreu. E foi de Betânia que saiu, definitivamente, para o sacrifício previsto por ele. Imaginem nosso sentimento de dor antecipada diante de nossa impotência, ante um fato que todos sabíamos inevitável.

“Quando fiquei gravemente enfermo e Marta foi ao seu encontro, em Pereia de Além Jordão, desesperada, ele afirmou para ela: ‘Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela. Portanto, ele não foi de imediato para Betânia, demorou-se por mais dois dias.

“Não necessito enumerar as circunstâncias, porque desejo encontrar um significado mais profundo do que retornar dos mortos para o mundo dos vivos. Tenho pensado exaustivamente nisso.

“Pelas histórias que ouvimos, de algum modo voltaram à vida porque, de certa forma, estavam mortos, e neste retorno vejo, com clareza e com emoção, o sentido que a vida tomou para vocês. Nós três nos amamos profundamente, mas não posso acreditar que meu amado amigo Jesus me tenha trazido do vale das sombras somente para que minhas irmãs não sofressem tanto, uma vez que a qualquer momento, sem aviso, todos deveremos nos despedir deste mundo.”

- Lázaro, meu irmão — interrompeu Maria —, Jesus sempre esteve com a razão, você não estava morto. Como ele nos explicou, seu espírito imortal se afastara do corpo, mas não se desligara em definitivo. A sua vida estava suspensa e guardada; ele o chamou de volta, você atendeu e assumiu tudo, novamente.

- Preste atenção, Lázaro! - Marta falou, por sua vez, com expressivo entusiasmo. — Quando souberam de sua morte, centenas de pessoas vieram de Jerusalém para estar conosco, suas irmãs, por solidariedade e para nos consolar porque guardavam sincera amizade. Com o seu retorno à vida, meu irmão, aquelas mesmas pessoas lá se encontravam; e vieram outras tantas, pois a notícia se espalhou velozmente. Assim, Deus foi glorificado, porque o Messias, seu enviado, confirmou que a origem de todo o poder está com Deus e, com esse ato, todos creram em Jesus Cristo; conseqüentemente, creram no Pai Celeste renovando os valores de sua fé. Agora conte, meu irmão, o que vem acontecendo a partir de então...

Instado por Marta, Lázaro prosseguiu:

- Como a distância entre Betânia e Jerusalém é aproximadamente de três quilômetros, muita gente nos tem visitado constantemente, não somente de Jerusalém, mas de Tiberíades, de Betsaida, de Dalmanuta, de Corazim e até das regiões dos estrangeiros.

- Para que, irmão? — Maria o estimulou. — Prossiga!

- Para conhecer de perto o tal homem ressuscitado, sempre com muita curiosidade, e para ver Simão, o leproso curado por ele.

- Complete dizendo o que você tem feito nessas ocasiões, é importante.

Lázaro, com o estímulo das irmãs, quebrou de vez a timidez e narrou:

- Conto para todos quem foi Jesus, sua família e a solicitude de sua mãe ao atender ao chamado celeste, o que fez em tão pouco tempo; sua presença amiga junto aos deserdados da sociedade, seus gestos amigos e sua irradiação da paz e de bom ânimo. Falo também da beleza viva dos seus ensinamentos, do seu senso da igualdade de todos, acrescentando que, independentemente de suas atitudes, todos os homens são merecedores da bondade e da atenção divinas. Esclareço que ele primava pela simplicidade, com desapego às coisas e, no entanto, considerava os valores reais da vida...

“Sempre concluo com a lembrança do que ele ensinou, incisivamente, a respeito do mandamento maior que é capaz de superar tudo o que está na Torá e além do que os profetas disseram durante todos esses séculos.”

- Viu, Lázaro? - arremataram Marta e Maria, uma de cada vez. - Você mesmo deu a resposta aos seus questionamentos.

- Prossiga confiante, Lázaro! - interferiu Maria de Nazaré, a lhe segurar carinhosamente o rosto. — Você é verdadeiramente um arauto da Boa Nova. Você, que representa a continuação da vida, tornou-se mensageiro dileto do seu grande amigo, que prossegue vivo. A sua transição, naquela hora, é também simbólica, a estimular a mudança de atitude, ainda na Terra, para o alcance, facultado a todos, da vida eterna.

Enquanto Lázaro narrava os fatos com ele ocorridos, João observou, com Maria, que Simão, o cireneu, permanecia taciturno, parecendo estar alheio, e se propuseram a atraí-lo para a conversação no grupo.

— Desde aquela tarde triste, de passagem pelo centro urbano de Jerusalém para a Festa da Libertação, vindo da lavoura com destino a minha casa, tenho estado pensativo, de certa forma semelhante a Lázaro.

“Pensava no trabalho árduo de cada dia como bênção de Deus; na minha fdha Rute, enferma quando me deparei com a turba ensandecida. Meu coração se condeou com aquele homem naquele estado deplorável, tido como criminoso vulgar. Pensei, comigo mesmo, que nenhum criminoso, por mais pérfido que fosse, mereceria um

tratamento tão ignóbil como aquele. Não esperei que chamassem e, num impulso pessoal, resolvi ajudá-lo, quando fui chamado por um soldado para isso. Sou acostumado às durezas do trabalho, sou forte e não compreendi como aquela criatura carregou até ali, ao cair ao chão, uma trave tão pesada. Segurei-a com um braço, após colocá-la ao ombro e, com o outro, cingi-lhe a cintura para levantá-lo e conduzi-lo ruas afora. Lembrei-me de que o conhecia de meus repetidos sonhos. Num sussurro de voz, falou-me que impusesse as mãos sobre minha filha Rute, citando-a pelo nome, e que ela ficaria curada.

“Ainda registro o peso inicial da cruz e o seu corpo machucado colado ao lado do meu... Agora recordo, foi muito estranho...”

Simão parou de falar e ficou cismarento. João, contudo, logo o encorajou, de olhos mareados:

- Prossiga Simão, o que foi tão estranho que o fez ficar pensativo?
- Quando me levantei e fiquei de pé, a sobraçar os dois, uma onda estranha, uma sensação muito estranha me invadiu e não mais senti o peso da cruz, nem o de Jesus. Tudo ficou tão leve... Ele, que não resistiu ao peso da cruz e dos maus tratos, transmitiu-me uma força desconhecida e poderosa.

“Ao chegar à casa, minha filha estava sã e, de lá para cá, até hoje, fico a pensar o que teria feio ou o que deveria fazer para merecer uma honra tão grande, ilimitada, de sustentar o Enviado de Deus com meus próprios braços, com minhas mãos tão rudes e grosseiras, em seus momentos finais no mundo.”

Novamente Maria interferiu, no momento certo, aproximou-se do Cireneu, beijou-lhe as mãos rudes e, segurando-as entre as suas, disse-lhe:

- Simão amado, na condição de mãe, sou-lhe grata pelo meu filho; porém, na condição de companheira dos ideais de Jesus, em obediência aos desígnios de Deus, eu lhe digo: espera, aguarda um pouco mais, asserena seu espírito e mantenha a alegria de viver, pois o próprio Jesus lhe dirá o que fazer.

E aquele homem forte disfarçadamente enxugou os olhos com as costas da mão, beijando de volta as mãos de Maria.

João, sabiamente, tomou a iniciativa de oferecer seu alimento distribuindo-o aos convidados, a trazer, de volta, o sorriso àqueles rostos, com a aprovação de Maria, percebido por ele e pelos seus assentimentos de cabeça:

- Provem do meu peixe assado com especiarias, amigos. Em toda Israel, não encontrarão sabor semelhante a este. É único!

Todos sorriram em virtude da forma alegre e jovial com que João se expressara.

Enquanto degustavam o peixe oferecido por João e provavam frutas diversas ou outros alimentos, Maria estando em de pé, ao lado de João, um pouco mais afastados do grupo, ficou um tanto séria, voltando olhar para João, que também se comportava do mesmo jeito. Os dois se entenderam e Maria sussurrou ao seu ouvido, a perguntar

se ele o via, também, ao lado de Simão, a que João respondeu que sim. A pedido de João, Maria se sentou e os dois ficaram aguardando, perguntando-se se deviam relatar para os demais.

- Ele fez sinal para que ainda não. Você viu, João? - perguntou Maria, com voz débil e entrecortada.

- Vi, minha mãe, mas mantenha sua serenidade, é o que ele está pedindo.

- Vou tentar, meu filho, vou tentar.

Minutos depois, Maria, vivamente impactada, segredou ao discípulo amado:

- João, meu querido, a emoção não está mais a me permitir vê-lo claramente. O que você vê?

Ele se coloca atrás de cada um e, à medida que avança, as pessoas ficam acesas. É lindo! Agora está atrás de Issacar e de Yula, com as mãos sobre os seus ombros. Os dois estão acesos.

Yula, ao retirar o lenço que lhe cobria os cabelos, permitiu que todos vissem o quanto era bela. Levantou-se e declarou que, de falsa mendiga parálitica - mais parálitica da alma -, foi resgatada em vida, por Jesus, e que, no trabalho digno, aprendeu a importância da vida. Após ser recolhida por Maria de Nazaré, a quem considerava como mãe, partiu para um longo aprendizado. Definitivamente liberta, podia oferecer de si, mesmo ficando cega, aos infelizes da terra, o fruto do seu trabalho como tecelã. Disse ainda que se considerava tão abençoada que, na prática com o tear, aprendeu a trabalhar sem o auxílio exclusivo dos olhos e concluiu, sempre expressando alegria, que veio acompanhada pela dedicação e carinho de Issacar, guia de caravanas, a quem havia aprendido a muito estimar. E dizendo isso, não conseguiu disfarçar o leve rubor surgido em suas faces.

Zaqueu, com o velho hábito de estar atento a tudo, cofiou a barba e prestou mais atenção, sorrindo ligeiramente quando ela se referiu ao tear e ao seu trabalho de auxílio voluntário.

Yula encerrou suas palavras e, como todos permanecessem calados, ela, de modo muito engraçado e espontâneo, bateu no ombro de Issacar, com toda a simplicidade, e lhe disse:

- Fala, Issacar! Só falta você. Acho que é sua vez - e, de imediato, desculpou-se, como se tivesse cometido grande falta de decoro feminino. - Desculpe-me, Issacar! - falou ruborizada, novamente. Todo o grupo sorriu, a compreender o ligeiro constrangimento de Yula.

- Não há de que se desculpar, Yula. Aqui não vigoram aquelas leis excessivamente rigorosas e de falso pudor instituídas. Aprendi que todos temos o mesmo valor, somos iguais. Digo isso porque conheci gente de todos os tipos como condutor de caravanas. Sou rude, andei desde o sul na foz do Jordão, no lago Asphaltite ao norte, nas montanhas Hermon, onde nasce o rio Banias, que segue pelo Jordão, e da região

mais a oriente de Decápolis ao grande oceano do ocidente, mas nunca conheci ninguém como vocês.

“Minha relação com Jesus foi completamente diferente de todos e concordo, verdadeiramente, com as experiências de todos, segundo as quais, em se tratando de Jesus, há um significado para tudo. Não foi por caso que, em várias ocasiões, meus caminhos se cruzaram com o dele.

“Vejam bem, depois de tantas andanças, jamais imaginei que eu, um simples condutor de caravanas, estaria no lar de Jesus, o Cristo, o Messias que nunca procurei, mas que sempre esperei encontrar, um dia, para dar um significado mais belo à minha vida. Enfrentei as mais diversas situações duras e combativas com a força da minha juventude e destemor. A vida me exigiu isso. Não falo por orgulho ou vaidade, por não possuí-las, mas porque esse momento não me é fácil para me dobrar e dizer que sinto algo que desconhecia, que me desconcerta por ter que ser sincero e admitir um toque de emoção na alma. Devo isso ao sentimento que causa a mãe de Jesus, que me olha como um dos seus, e a Yula que, me tem mostrado caminhos desconhecidos e que me trouxe a vocês. Acho que é felicidade...”

Issacar respirou fundo, tentando controlar sua emoção e mudar o rumo de sua fala.

- Meu primeiro conhecimento a respeito do Messias teve sua origem em Betsaida quando conduzi, até lá, mercadores de tecidos e de utilidades para negociarem com os pescadores, tendo sido procurado por André e João, aqui presentes, que viajariam a Betabara porque tiveram notícias da presença de um Messias. Os conduzi até lá e, como seria natural, tomei o meu rumo. Ao passar por Adamã, em Betabara, num vau do Jordão, um profeta chamado João, o que batizava as pessoas, falou sobre aquele que viria como enviado do céu para a salvação do mundo. Algum tempo depois, coincidentemente na mesma região, dentre a multidão que se batizava com o profeta, vi um homem de Nazaré que, conhecido por Jesus de Nazaré, era anunciado por João como aquele que haveria de vir conforme falaram os antigos profetas. Por suas vestes, pelos cabelos e barba, vi que era Galileu. De alguma forma, entre tantos que eram batizados, ele me chamou especial atenção, mas nunca soube o porquê.

“E as coincidências continuaram a ocorrer. Passando pelo deserto da Judeia, indo para a Galileia, lá estava o mesmo homem sentado, de olhos fechados. Muito sereno, não soube se adormecido ou em meditação. E o mais extraordinário aconteceu mais de trinta dias depois: ao acampar no mesmo sítio da viagem anterior, de retorno à Judeia, o nazareno estava no mesmo lugar. Despertado por algumas crianças, veio até a minha tenda e disse estar com fome. Senti alegria em oferecer alimento a ele. Quando observou que eu conduzia um rebanho, ele me disse que iria ao encontro do seu rebanho de ovelhas. Algumas dispersas à sua espera, disse-me ele, e outras perdidas pelos caminhos. Depois de agradecer, endereçou-me um olhar muito enigmático e se foi, solitário, na direção da Galileia.

“Quando guiei caravanas nas regiões próximas ao Lago Kineret, inclusive por Cafarnaum, não pude deixar de sentir grande simpatia por aquele homem. Ao encontrá-lo junto aos pescadores, diante da multidão que se mostrava encantada, comecei a ter admiração ao vê-lo limpar doentes e levantar deficientes; no entanto, bebia seus ensinamentos de esperanças. Sua figura imponente e segura no barco me chamou a atenção por sua simpatia e simplicidade, mas não me interessei, porque precisava seguir adiante. Foi nos primeiros tempos de suas caminhadas.

“Diziam que ele era o Messias anunciado pelos profetas. De algum modo, cheguei a pensar que estavam com razão por ser diferente de tantos falsos e exploradores da credibilidade alheia, com os quais me deparei durante tantos anos de andanças.”

Issacar se demonstrava empolgado e parecia mais sensibilizar-se, à medida que rememorava os fatos. Fez ligeira pausa para se recompor, desculpando-se por achar que estava se prolongando, a cansar o grupo que se mantinha em total silêncio, atento e muito interessado.

— Não, Issacar; continue, meu filho — interveio Maria, com a voz ligeiramente embargada. - Estamos encantados com suas narrativas.

- Está bem, prosseguirei. A vida, ou não sei mais a que atribuir, por não ter como explicar, levou-me a Cesareia de Felipe, uma localidade próxima ao monte Hermon, muito ao norte, próximo ao rio Banias, nas nascentes do Jordão.

“Naquela região extremamente bela, exuberante, muito diferente das regiões árida, mais ao sul, à exceção do Vale do Jordão, tive imensa alegria, pois fui procurado por uma mulher que soube da presença de um condutor de caravanas, que era eu, e com urgência necessitava dos meus serviços. De pronto achei estranho, porque normalmente são os homens que contratam serviços deste tipo. Aguardei, curioso. Quando ela me encontrou no meu acampamento, nossa surpresa foi grande e feliz, penso que nunca havia me sensibilizado tanto. Tratava-se de Thalita, uma tia querida que não via há muitos anos.

“As surpresas não ficaram por aí. Ao chegar a sua, um pouco retirada do centro da cidade, revi minha prima querida, Serápia. Ela sofria de um mal incurável que não somente a fazia sofrer pelo mal em si, mas também por ser motivo das mais variadas humilhações. Ela tivera um sonho em que um certo Galileu pediu que o procurasse. Pelas indicações, verificamos que ele estaria aqui, em Cafarnaum. Cancelei todos os compromissos mais imediatos e trouxe as duas, com muito cuidado, para que seu abatimento e seu estado de fraqueza não se complicassem ainda mais, numa cansativa viagem de muitos dias. Admirável a coragem, determinação e fé no coração e na alma de Serápia. Confesso que me senti muito pequeno diante dela.

“Quando chegamos, o encontramos em caminho por uma rua estreita, próxima daqui. Eu e Yula passamos por ela, há pouco. Como disse, ele vinha pela rua estreita, mas cercado por muita gente, e Serápia quis ir sozinha ao seu encontro, pois ele

estava de costas para ela.”

Nesse momento, Issacar parou um pouco, segurou a emoção, a fim de conseguir dar prosseguimento e continuou a sua história:

— Foi estranho, pois a multidão abriu caminho e ela, de leve, ergueu a mão e tocou com delicadeza o tzit-tzit do pano que cobria a cabeça de Jesus. Naquele momento, instantaneamente, ela ficou curada do fluxo de sangue que a atormentava há doze anos.

O grupo reunido na casa de Maria permaneceu expectante e era visível o silencioso desejo de que Issacar contasse mais. Ele, com seu modo simples de falar e pela expressão de sinceridade, tornou-se o centro das atenções.

- Meu filho! - Maria chamou João para mais perto, a fim de que somente ele a ouvisse. — Você continua a vê-lo?

— Sim, minha mãe. Então, a senhora também observou que ele está mais iluminado atrás de Issacar e de Yula, a envolvê-los... Como está sua emoção?

- Estou tentando contê-la, meu filho, a pedido dele. Isso significa que há de acontecer alguma coisa.

— A mais longa viagem que fiz foi a Cirene — prosseguiu Issacar, em sua narrativa — e poderão constatar que esta viagem está inteiramente relacionada com mais um encontro com Jesus. Eu sempre os classifiquei na conta de ocasionais e, curiosamente, coincidentes; todavia, no momento, recuso-me a pensar desta maneira, pois jamais poderia supor que a Providência Divina me convidaria a trazer para Jerusalém um homem, o Simão, que viesse a ser, talvez, como protagonista, a última peça luminosa em meio a uma trama tão obscura como a que presenciamos e com que convivemos. “Um meticuloso momento, quase fugaz, da passagem de Simão por ali, para aquele encontro único, preciso e tão valioso...”

Simão, o cireneu, calou-se por uns instantes, a fim de recompor as emoções que tocavam sua intimidade e a de todas aquelas almas sensíveis e boas, principalmente a dele, que disfarçadamente coçava os cantos dos olhos.

Issacar prosseguiu, informando que logo encerraria a narrativa daqueles acontecimentos:

- Ainda tenho mais um pouco a relatar, talvez o mais importante de toda a minha vida — observou Issacar. — Vinha com um grupo residente numa comunidade do estrangeiro, próxima a Tiro e Sidon, o mesmo grupo que eu conduzi a Cafarnaum, tempos atrás, para conhecer o Messias. Um dia, antes da partida, fui procurado por uma mulher que insistentemente queria participar da caravana com destino a Jerusalém, pois participaria da Festa da Páscoa. Eu a incluí porque me disse de sua certeza de que Jesus de Nazaré estaria presente. Contou-me que fora salva por ele e que guardava muitas saudades também de Maria de Nazaré, sua mãe. Quando percebi suas dificuldades de locomoção, ela, sem titubear, revelou-me que estava

ficando cega. Perguntei se ela iria à procura de Jesus para ser, também curada. “De modo algum”, respondeu-me com veemência, “vou para estar com Maria, sua mãe”. O mais importante, meus amigos, é que ela tivera a revelação do próprio Jesus, em sonho, de que aconteceria grande tribulação em Jerusalém e que Maria iria sofrer muito. Assim, desejava estar com a ela nesse momento. Estava decidida e veio conosco.

“Excelente companheira da longa viagem, colaborou com todos, apesar das limitações; à noite, contava as histórias que conhecia sobre Jesus ou praticava suas habilidades e talentos com o tear, pois muito aprendera sobre essa arte quando criança.

“Foi a minha última caravana. Há algum tempo tenho pensado em parar com essa atividade e o meu cansaço não diz respeito ao corpo, que é saudável, mas sim porque, estando em muitos lugares, não estou em lugar algum. Falta-me um pouso e uma vida comunitária. A última jornada me trouxe muitas reflexões e muitas delas devo ao estímulo da Yula, pelo seu exemplo. Encontrei compradores para todos os apetrechos e animais e, com esses recursos, vou instalar uma oficina de tear e convidarei Yula para participar, não somente para uma produção geral, mas também para a instalação de um ambiente de aprendizagem com teares para crianças abandonadas e filhos de famílias sem recursos, onde ouvirão falar do Cristo.

“Inspirado por Yula desejo que parte dos recursos serão destinadas aos doentes, aos leprosos, aos cegos e aos inválidos, que são tantos e tão ignorados em toda parte. Penso que pela primeira vez estou compreendendo a insistência de Jesus em amarmos a Deus e ao próximo.”

Quando Issacar se referiu à arte da tecelagem, mais uma vez Zaqueu cofiou a barba e sorriu enigmaticamente; desta vez, porém, quase todos perceberam o seu gesto silencioso.

- Estou decidido e essa resolução se definiu agora. Encerrarei aqui e, de um modo nunca esperado, na convivência de todos a quem estou aprendendo a estimar como amigos e a amar como irmãos, sentindo-me muito feliz. Começo a vislumbrar um significado para a minha existência neste mundo.

Concluindo, chegamos a Jerusalém no dia e na hora em que Jesus entrou, aclamado como um imperador pela multidão. Um espetáculo emocionante! Falei a Yula que aquela apoteose confirmava a sua condição do Messias tão esperado para reinar sobre Israel e acrescentei que o sonho que tivera em nada se parecia com tribulação.

“Ela me olhou, meneou a cabeça negativamente e disse, muito séria, que aquilo tudo era enganosa ilusão, porque incomodava o Templo e as autoridades do Governo. Que aguardássemos os acontecimentos.

“Todo o grupo participou dos festejos, inclusive das cerimônias do Templo e, de longe, vimos Jesus e seus discípulos, bem como as tentativas de intimidação com

provações por parte dos sacerdotes, fariseus, rabinos e herodianos, inclusive por pessoas do povo arregimentadas por eles. Dias depois, soubemos da prisão, das torturas, do julgamento e da condenação. Yula estava certa. No dia da crucificação, seguindo o trágico cortejo, ela se despreendeu do apoio do meu braço e insistiu em ir sozinha, à procura de Maria de Nazaré.

“Tranquilei-me quando a encontrou e segui um pouco distante, revoltado, porém sensibilizado com o pranto das mulheres, com a segurança e a altivez de Maria de Nazaré, apesar das expressões de intenso sofrimento. Senti-me e ainda me sinto honrado em conhecê-la, como conservo grande respeito pela atitude de Simão, o Cireneu. Prefiri não subir o monte e aguardei o retorno de Yula, para reconduzi-la em segurança.”

— Issacar, meu filho, quero chamá-lo assim também — falou Maria, dirigindo-se para ele, segurando-lhe o rosto, num gesto de carinho. - Você agora encontrou significado para a sua vida, siga os sinais do seu coração, pois Jesus estará com você sempre e sei que Yula o acompanhará.

Zaqueu aguardou alguns segundos, levantou-se e, sorrindo como fizera antes, acrescentou, despertando a curiosidade do grupo:

- Tenho uma proposta e espero que a aceitem: minha casa em Jerusalém é grande, tanto que a ceia de Jesus com seus discípulos foi realizada lá; viajo bastante a serviço da divulgação da Boa Nova de Jesus e a casa está sempre vazia e sem proteção... Portanto, peço-lhes, insisto para que instalem ali a sua oficina de tecelagem. Tenho grande interesse em compartilharmos o mesmo sonho: que os homens do futuro comecem, desde logo, a doce convivência com Jesus, com a mensagem celeste do seu Evangelho.

No instante da alegria geral, em que alguns convidados se levantaram para um gesto espontâneo do abraço a Issacar, Zaqueu e Yula, aos poucos a fragrância de nardo tomou conta do ambiente, de modo suave e penetrante. Todos se sentaram e se asserenaram, tomados por intensa emoção.

À exceção das mulheres, todos eram criaturas afeitas às rudezas da vida do cotidiano, a exigirem força e empenho: o domínio das velas e do mar; o peso da charrua no rasgar das terras dos campos; a pesada condução e controle de rebanhos; o esforço do jornadasear de sol a sol; as angústias da submissão; a lida com a pequenez dos homens. No entanto, portadores de tanta nobreza, deixavam, agora, afrouxar do peito as cadeias de contenção da sensibilidade em delicada comoção, rompendo os diques das emoções mais nobres, aprisionadas, por tanto tempo, num recanto oculto das almas.

Maria dirigiu-se a João e lhe perguntou se havia percebido que havia chegado o momento. João respondeu que sim e informou que não via mais Jesus. No entanto, em seu lugar, crescia um clarão que gradativamente tomava conta do ambiente.

Maria assumiu a palavra e se dirigiu a todos com voz firme, sem perder a doçura que lhe caracterizava:

— Meus amados filhos, Jesus, o Cristo de Deus, vivo, está entre nós, nesta hora em que o amor se sobrepõe a todos os outros sentimentos. A vida com ele se torna mais exuberante e real, pois somos como as flores simples do campo visitadas pela bênção do orvalho nas madrugadas e, depois, pelo Sol, a reavivar-lhes as cores e os perfumes, sem crestá-las. E elas assim, muitas escondidas sob o relvado, trazem alegria e encanto e, mesmo sofridas, durante as tempestades, de raízes firmes no solo, serão capazes de renascer e renascer para o esplendor da vida. Oremos, filhos do coração: Pai nosso...

A noite sutilmente já invadia o cortejo do dia e tomava conta das estradas da terra e do céu, a libertar todas as estrelas acima dos horizontes e das montanhas. Contudo, naquela sala, a claridade das chamas nas candeias foi se apequenando pelo adensamento da névoa luminosa a tomar forma no centro do grupo, enquanto Maria orava ladeada pelos braços de João.

Jesus surge, por inteiro, envolto por fina camada de neve azulada e se dirige a cada um dos circunstantes, beijando-lhes as faces:

- Zaqueu, as estradas de toda Israel continuarão abertas, aguardando, de seus lábios, o sopro suave do meu Evangelho.

“Maria de Magdala e ‘mulher sem nome”, que agora batizo com seu nome verdadeiro, Verônica, os doentes do corpo e da lepra da alma receberão, de suas mãos maternais, o reconforto e a esperança dos céus.

“Simão, a cruz não se tornou pesada nos seus ombros porque se destinava a mim, mas a sua força soube sustentar o peso de um corpo combalido, pois esse, sim, era para você. Conte a sua história para quantos o procurarem, porque será o estímulo para prosseguirem destemidos, pela vida.

“Maria, Marta e Lázaro, vocês continuarão a ser procurados para saberem do milagre da ressurreição, mas lembrem-se de que, no fundo, todos esses são almas necessitadas de direção e de paz. A ressurreição será o motivo, a ilustração para ouvirem e aprenderem o significado das parábolas, do valor da amizade, da confiança e da fé.

“Issacar, meu companheiro de tantos encontros, como esperei por este momento para lhe dizer da divina missão de conduzir, pelas estradas da terra, os filhos do meu Pai que retornam à Terra para os confrontos com caminhos da Verdade e do Bem, através do imperativo do trabalho digno.

“João, meu discípulo amado, não só discípulo, mas amigo fiel e filho a quem entreguei a minha mãe - falou, enquanto João mal continha as lágrimas —, você será a presença viva, segura e boa ao lado de Simão Barjonas e dos meus discípulos, que arduamente rasgarão as terras crestadas de muitos corações para adubá-las com seu

próprio suor e lágrimas redentoras, a fim de que as sementes do Evangelho floresçam para o futuro.

“Maria, minha mãe, minha doce Maria... - Maria olhava nos olhos de Jesus e não expressava sua emoção em lágrimas, mas num sorriso quase que em êxtase. - O mundo a horará eternamente por ter aceitado a luz divina da maternidade, abrigando-me em seu ventre, mas não compreenderá que eu é que fui escolhido e agraciado para ter a honra de ser seu filho, na Terra. Eu a amo!

“Yula, venha até aqui, para perto de minha mãe. Muitas crianças da orfanidade serão seus filhos e jamais precisarão mendigar a esmola e o amor. A sua renúncia, conformação, determinação e fé permitiram a sua ‘salvação’.

“Mãe amada, coloca suas mãos sobre os olhos de Yula com todo o seu amor.”

Em seguida, Jesus de Nazaré foi para o centro do grupo e, gradativamente, tornou-se translúcido até se transformar num contorno transparente, ao repetir:

— A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou...

A claridade emanada de Jesus permaneceu por mais algum tempo até se consumir, de todo, permitindo que as chamas bruxuleantes dos candelários pudessem se misturar à alegria daquela sala, enquanto perdurava o perfume de nardo.

Maria lentamente retirou suas mãos de sobre os olhos de Yula que, depois de abri-los, abraçou-se a Maria e repetiu, aos prantos:

- Eu vejo senhora, eu vejo novamente!...

OS MISTÉRIOS DO UNIVERSO

José Naufel

6. Pelos Evangelhos chamados canônicos (a Vulgata, da Igreja), nada se sabe sobre Jesus quanto à sua vida pessoal. Mas, a partir de 1945, apareceram em Nag-Hammadi, no Alto Egito, e no Mar Morto, os Evangelhos gnósticos, escritos em copta, que estão sendo reconstituídos e traduzidos. Temos, assim, entre outros, os Evangelhos de Tomé, de Felipe, de Pedro, de Bartolomeu, de Maria (Miriam de Magdala). Por esses Evangelhos, que ainda estão sendo estudados e interpretados, questionados por alguns (A Igreja os qualifica de heréticos) e aceitos por outros, Jesus era casado ou vivia maritalmente com Maria Madalena.

O Evangelho de Maria, como o Evangelho de João e de Felipe, nos lembra que Jesus era capaz de intimidade com uma mulher. Esta intimidade não era somente carnal, ela era afetiva, intelectual, espiritual; trata-se mesmo de salvar, quer dizer, de tornar livre o ser humano em sua inteireza, e isto, introduzindo a consciência e o amor em todas as dimensões do seu ser. O *Evangelho de Maria* lembrando o realismo da

humanidade de Jesus em sua dimensão sexuada, nada tira do realismo de sua dimensão espiritual, *pneumática* ou divina.

A questão não é discutir se Jesus era casado ou não. A questão é saber se Jesus era realmente humano, de uma humanidade sexuada, normal, capaz de intimidade e preferência. E o Evangelho de Maria coloca a pergunta na boca de Pedro: "Será que ele a escolheu realmente e a preferiu a nós?"

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade

material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na

qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.